

redundando em gosto, e suavidade pacifica, e tão grande, que parece excede as forças naturaes, e que acaba a vida; se Deos a não conserva. Experimenta hũa terníssima devoção, e hũas gostosíssimas lagrimas, que mais acendem, e augmentão o fogo do amor, que a abraça, e ás vezes com tanta abundancia que parece hũa chuva celestial, que lhe derrete as entranhas com hũa pena tão doce, que quísera que nunca lhe faltára. Fica-lhe hũa memoria grande das cousas divinas, e soberanas communições; aindaque quando estava na união actual, como estava tão absorta, e elevada com a admiração do entendimento, e tão encendida em caridade com o amor, e gôzo da vontade, lhe parecia que de nada se lembrava, mas estava a memoria de forte, que só a isto attendia, sem que pudesse fazer reflexão sobre outra cousa: porém depois que tornou em si não póde duvidar de que gozava de Deos ao modo que nesta vida se permite ás que Deos favorece singularmente.

445 Ficão-lhe hũas grandes ancias de fazer, e padecer muito por amor de Deos; de forte, que athé os trabalhos dos Santos, tormentos dos martyres lhe parecem pouco por tão grande Senhor. Nasce-lhe hum desejo de sahir do mundo, e de se apartar do seu commercio tão penoso, que só tolera o viver, por ver que he vontade de Deos. Aqui faz grandes propositos, e tem grandes desejos de exercitar heroicas virtudes. Acha-se com profunda humildade, e perde qualquer vangloria; porque percebe, e vê claramente que tudo o que recebe, se lhe dá sem o merecer, e tudo por misericordia; e quizera desfazer-se em leuvores de tão liberal Esposo, e Senhor, antes lhe causa hũa tão grande confusão (aindaque com doçura, e suavidade notavel) o ver-se tão favorecida sem o merecer, que não sabe que faça por agradecer tantos favores; e por isso a tudo quanto lhe parece será gosto do Senhor, se arrojará gostosa, e com descanso por desempenhar de algũa sorte a sua divida. Acha-se com grande animo de desprezar todo o terreno, e transitorio, e o despreza de forte, que o estima em nada, e tanto se lhe dá

dá de o ter, como de o perder; antes ama a pobreza, e falta do temporal. Descontenta-se do pouco que faz, ainda das obras boas; porque tudo lhe parece nada para o que lhe merece tão bom Senhor. Dezeja muito ajudar aos proximos a que sirvão a Deos; e quizera que em tudo todos o servissem. Sente amargamente não fó as suas culpas passadas, mas tambem as de todo o mundo; de forte que lhe trespassa o coração de dor o ver que seja Deos offendido, e o quizera impedir á custa da propria vida.

446 Esta união póde fer cada vez mais perfeita, assim como o amor, e caridade, e crescer em grãos cada vez mais subidos, segundo a disposição da creatura, e perfeição, a que Deos a quer sublimar. Da mesma forte succede nas merces, e favores, que Deos aqui communica, que huns são maiores do que outros; porque Deos nunca dá tanto, que não possa dar muito mais, nem a creatura como finita se póde chegar tanto a Deos infinito, que não fique sempre em infinita distancia: assim quanto á intensão não se pódem determinar os grãos de união; mas attendendo a diversos effeitos, e merces que Deos nella faz á alma, assignão os Mysticos diversos grãos, ou modos de união. Cõmummente a dividem em *Ebria*, *Sobria*, *Fruictiva*, *Transformativa*, *extatica*, e *Impulsiva*; ainda que a hum mesmo tempo se pódem dar muitas destas em hũa união, porque ao mesmo tempo se achão os seus effeitos, que procedem de hũa mesma.

447 Chama-se *Ebria* quando tira ao contemplativo do seu natural acordo, e advertencia, e o aliena dos sentidos, tomando a denominação da embriaguez corporal com o excesso do vinho, e se applica á embriaguez do divino amor, como já em outro lugar fica dito, (*an. 379.*) aindaque ali procedeu a embriaguez espiritual de hum grão de amor, que ainda não chega a fer união perfeita, senão imperfeita, e como principio desta; mas aqui nasce da verdadeira, e perfeita união, de que tratamos nesta via unitiva, e assim são os seus effeitos mais subidos, e de maior perfeição, e excellencia. Chama-se *Sobria* quando

do deixa ao contemplativo em seu acôrdo , e advertencia natural , sem chegar a priva-lo do uso dos sentidos. Pelo que julgo que esta união sobria , não he regularmente perfeita , senão das imperfeitas , e inchoadas , como he a oração de quiete infusa , que de algũa sorte se chama , e he de união : e por isso alguns Mysticos começam a via unitiva desde este gráo de oração , porque já tem algũa cousa della ; mas não me conformo com o seu parecer , porque tambem na via illuminativa , e ainda nesta unitiva se fazem muitas purgações , e mais nem por isso nenhuma dellas se chama via purgativa : e o certo he que as tres vias estão intromettidas hũas pelas outras de sorte , que em cada hũa se praticão , e pódem praticar muitos actos das outras ; e qualquer dellas toma a sua denominação do principal objecto , ou exercicio della.

448 Chama-se *Fruictiva* pelo grande gôzo , que nella se cõmunica á alma , como dissemos. Chama-se *Transformativa* , porque transforma a alma em Deos ; pois he proprio do amante transformar-se no amado quando o amor he intenso. Chama-se *Extatica* , porque segundo o modo ordinario sempre a união he com extasis , porque se suspendem as potencias , e ficão alienadas , e os sentidos sem uso , e nisto he que consiste o extasis como se dirá. (*an.* 477.) Chama-se *Impulsiva* quando a alma nesta união recebe tanta abundancia de amor , e tão grandes impulsos , ou impetos , ou ancias suaves , e delicadas pelo Amado , que fortemente , ainda que com grande suavidade , a leva a Deos como a seu centro , e em quem só lhe parece achará seu descanso , e seu gôzo completo.

449 Muitas vezes succede este impulso estando a alma bem descuidada , sem ter a memoria em Deos ; porque o Senhor mesmo a desperta ; e he a modo de hum comêta , que passa de repente , e ainda que sem ruido , entende bem a alma , que he chamada por Deos , e sem que lhe doa , se sente ferida. Outras vezes basta ouvir hũa palavra de Deos , ou ver algũa cousa , em que se manifesta a sua grandeza , bondade , ou sabedoria , para já se ver arrebatada daquella gostosa força , e suave violencia. Estes im-

impulſos não ſão ao ſenſível como os que diſſemos, (*an.* 378.) que pôdem prejudicar á faude: aqui ſão muito ao eſpiritual, e com muito ſoſſêgo; ainda que com elles ſente a alma hũa grande pena gozofa, mas de tal forte, que quizera que nunca lhe faltaffe, antes ſim morrer com ella.

450 A causa de ſer gôzo, e pena ao meſmo tempo he porque como Deos por hũa parte a penetra de hum incendiado amor, e caridade tão grande, que ſe abraſa docemente pelo Amado, e o contempla com o dom de ſabedoria, que tem ſeu principio na meſma caridade, iſto lhe cauſa hũa ſuavidade tão grande, e excessiva, que parece deſfalece de gôzo: mas como por outra parte achando-ſe aſſim ferida de amor, e o Amado ſe lhe não manifeſta tanto como o ama, e deſeja, e não ſe acha de todo no centro, em que quer deſcanſar, iſto lhe cauſa juntamente grande ſentimento, e fadiga, pois não logra como queria ſuas ancias: da-lhe Deos eſtes impulſos excessivos, para que vá a elle, e vê que não chega; ſente-ſe como atada no meio do ſeu vo-o; por iſſo ainda que ſe goza de voar, ſente pena por ſe achar embaraçada para chegar ao termo a que voava: e como conhece que lhe vem o impedimento por viver, por iſſo como o Apoſtolo ſe deſeja diſſolver, para ir eſtar com Chriſto. Daqui lhe naſce hum grande deſpreſo das couſas caducas, e conhece claramente que tudo he vaidade, e afflicção do eſpirito.

451 Mas porque os Myſticos diſcorrem deſta divina união ao modo do que ſuccede entre os eſposos carnaes, de cuja ſimilhança uſou tambem o Eſpirito Santo nos Cantares, por iſſo com eſpecialidade reduziremos eſtes grãos a tres, que ſão *Vistas dos Eſposos*, *Despoſorios*, e *Matrimonio eſpiritual*, aludindo ao que tambem paſſa entre os eſposos da terra, que primeiro ſe aviſtão, e propoem as mutuas conveniencias para ſe agradarem hum do outro, e ſe compromettem para os deſpoſorios; depois ſe celebrão eſtes deſpoſorios, e ultimamente o matrimonio; cuja diviſão expreſſou claramente S. Thereſa. (*Mor.* 5. c. 4.)

4.) Em quanto aos desposorios, e matrimonio he doutrina de todos os Mysticos; e ainda que não todos expressão o das *Vistas* com este nome, do qual usa a Santa Madre, na realidade todos convem em hũa mesma cousa, como se verá por sua explicação; pois debaixo do nome de desposorios costumão involver o gráo das vistas; e por este nome o declara S. João da Cruz juntamente com os desposorios. (*Llama Canc. 3. ̄. 3. §. 3.*) E como a intenção que levamos neste Resumo he tratar as cousas pela ordem que se leguem, e no lugar aonde pertencem para maior explicação, e clareza, por isso já no seu lugar fica explicado o gráo de Vistas dos Esposos, do matrimonio trataremos adiante em seu lugar; (*an. 519.*) e agora dos desposorios; mas primeiro de varios favores, e communicações sobrenaturaes, que os costumão preceder, e acompanhar.

CAPITULO III.

Das Visões, Revelações, e Locuções.

452 **S** Uppoſto que já na via purgativa, e muito mais na illuminativa costuma Deos conceder *Visões, Revelações, Locuções*, e outros favores, e graças sobrenaturaes, como não he com tanta frequencia, nem tanto ao espirital como na via unitiva, reservei para aqui tratar de todos elles, excepto do recolhimento, e quiete infusos, e da embriaguez, e somno de potencias; que estes ainda que tambem aqui succedão no estado de perfeitos, e ainda em gráos mais subidos do que no de aproveitados, como ali succedem primeiro, ahi ficão já explicados.

453 Começando pois pelas visões, assim como em nós ha tres modos de perceber os objectos por tres qualidades de potencias, quaes são as corporeas, que são os sentidos; as materiaes internas, quaes são a imaginação, fantazia &c; e espirituaes, quaes são as potencias d'alma; assim tambem podem succeder tres qualidades de visões sobrenaturaes: a primeira, e inferior chama-se *Corpórea*

pórea, e he a que se percebe pelos olhos do corpo, a qual ordinariamente succede aos principiantes. A segunda media chama-se *Imaginária*, e he a que se percebe pela imaginação, e conforme á imagem representada nella, a qual regularmente succede aos proficientes. A terceira, e mais superior chama-se *Intellectual*, e he a que se percebe pelo entendimento sem ser por via da fantasia, ou imaginação, e sem figura, ou imagem material, e esta he propria dos perfeitos; ainda que em cada hum dos estados costuma Deos ás vezes conceder de todas estas visões, segundõ os fins, que elle nellas se propoem.

454 Pela *Corporea* se vem muitas vezes huns resplandores, e muitas aparições de Santos, de Anjos em fórma corporea, das almas, de Christo, e de Maria Santissima, e outras cousas corporeas, que Deos quer mostrar; e esta se póde fazer, ou só por imagem do corpo que Deos imprima nos olhos sem real presença do corpo; ou por emutação da mesma potencia visiva de fórte, que o perceba como que estivesse presente sem o estar; ou póde ser por presença real do corpo verdadeiro, ou aparente. Esta visão está mais fugeita a enganõs do demonio, que póde tomar corpo aéreo, e transformar-se em Anjo, ou em Christo, ou outro Santo; nem estas visões pertencem para a verdadeira fantidade; porque muitas vezes as tem tido pessoas perversas, como Faraó, Balaam, Balthasar, e outros; e muitas vezes são falsas, e procedem de vehemente imaginação, que muitas vezes finge como presente, o que só he imaginado, como em outro lugar fica dito, (*an. 169.*) ou de excessiva melancolia, e principio de loucura: e ainda que sejam verdadeiras, não são meritorias, só usando bem dellas; por isso não se hão de desejar, mas só as virtudes, que he em que está a perfeição: mas quem se lhe representar a imagem de Christo, de Anjo, ou Santo não as deve desprezar, mas sim venerá-las em obsequio daquelle a quem representam; porque ainda que sejam fingidas pelo demonio, não ha perigo, pois só se adora aquella veneranda pessoa, que se representa nellas.

455 A visão *Imaginária* he quando sem que se veja nada com os olhos do corpo, se percebe na imaginação, e por meio della a imagem, ou figura de algum objecto, como quando se sonha; a qual imagem Deos imprime na imaginativa, e ahi a póde perceber o entendimento, como conhece naturalmente os objectos. A verdadeira visão imaginária facilmente se differença da falsa; porque esta ainda que pela sua viveza pareça verdadeira, fica com ella a alma sem fructo de piedade, e muito mais fria do que se visse húa imagem pintada; porém a verdadeira costuma succeder á alma quando talvez o não cuida, e de repente; e commummente he de passagem; e se he de Christo, ordinariamente arrebatada em extasis, deixa n'alma húa paz suavissima, e lhe infunde temor, reverencia, e humildade. Outras vezes succedem em sonhos estas visões imaginarias, assim como as locuções, mas ainda então são mais suspeitosas de engano.

456 A visão *Intellectual* he húa clara manifestação das cousas divinas, e celestes, que só se objectão ao entendimento espiritualmente sem algũa figura, ou imagem material por via da imaginação. E ainda que os Filósofos dizem commummente que nada se póde perceber com o entendimento sem que primeiro se forme a lua imagem na fantasia; isto ou não he universalmente verdadeiro, como dizem muitos; ou se entende só nos conhecimentos naturaes, e não neste que he sobrenatural. Esta visão se faz de dous modos: o primeiro he obscura, e quasi confusamente de sorte que a alma, ou só conhece a coula em imagem espiritual, e subtilmente, ou sem imagem, nem figura nenhũa; mas conhece que a tem junto de si, ou ao lado direito, ou dentro do coração, com maior certeza do que se a visse com os olhos do corpo, como se dous estivessem dentro de húa casa ás escuras, que sabião de certo estavam ali, ainda que se não vissem, nem fallassem.

457 Assim ali conhece a creatura de certo que o Senhor ali está por hum modo maravilhoso, o qual a instrue, e lhe falla subtilmente sem palavras sensiveis, im-

primindo-lhe na mais intima porção da alma a celestial doutrina; e desta visão resulta na alma hũa grande reverencia, e amor de Deos, e desejo de lhe agradar; e não costuma ser breve como a imaginaria; mas costuma durar a sua memoria por muitos dias, e mezes com pouca interrupção. O segundo modo he mais subido, e succede raras vezes, e he quando se representão as cousas celestiaes clara, e distinctamente por visão intellectual, de sorte que as veja o entendimento quasi intuitivamente como em si sã. Os effeitos desta visão são muitos, e maravilhosos: causa paz, e tranquillidade na alma, illuminação no entendimento, gôsto glorioso, suavidade, pureza, amor de Deos, humildade, e promptidão para as cousas de Deos.

458 Nas visões puramente intellectuaes, não pôde haver engano, porque o demonio não pôde chegar ao interior das potencias espirituaes, senão por meio das materiaes: por isso se o Director conhecer que a visão he puramente intellectual, não duvide que he de bom espirito: mas a difficuldade está em conhecer se he puramente intellectual, ou não. Nas que são sem se perceber imagem, ou figura, não ha duvida que são intellectuaes, porque pela imaginativa não se pôde perceber sem imagem; mas naquellas, em que se percebe algũa imagem, he difficuloso discernir se ella he puramente espiritual comunicada immediatamente ao entendimento, ou se procede tambem da imaginação, que então não he puramente intellectual; o que se pôde conjecturar por estes sinaes.

459 O primeiro, se a creatura anda em estado de contemplação infusa, e de perfeitos, e em puro exercicio do espirito, que então ordinariamente são as visões conformes ao estado da oração. O segundo se da visão se seguírao affectos materiaes, e sensiveis, se deve julgar que foi imaginaria; porque a intellectual não move immediatamente o sensitivo, senão o racional, que não obra sensivelmente; e ainda que o sensitivo se mova por força do racional, he mais suave, e brandamente; de sorte que a parte superior occupada com os seus actos, quasi não atende aos que as potencias inferiores fazem pela redundan-

dância dos seus. O terceiro he que a visão imaginaria ordinariamente causa deliquios materiaes, impetos sensiveis, lagrimas penosas, suspiros, e outros effeitos materiaes sensiveis, e algũa couza violentos: mas a intellectual produz extasis, raptos, e outros movimentos espirituaes sem impetos, nem violencias, nem estrepitos sensiveis, e materiaes; e a razão he porque são os effeitos conformes á sua causa. Mas he necessario advertir que o demonio ás vezes finge affectos, e movimentos sensiveis tão subteis, que facilmente podem fazer persuadir, que são puramente espirituaes; porém se se examinarem bem elles darão algum final, que mostre de quem são; ou perturbação interior, ou espirito pouco humilde, ou semelhantes.

460 A *Revelação* he hum conhecimento, que Deos infunde de algũa verdade occulta, ou mysterio; e póde ser ou por noticia intellectual, que Deos infunda n'alma por meio de algũa clara, e expressiva intelligencia, a qual costuma proceder do dom de sabedoria, ou do de sciencia; ou póde ser noticiada por algũas palavras externas, ou internas, em que a creatura perceba o segredo, que se lhe explica com ellas. Nestas póde haver engano; mas nas primeiras não; porque são puramente intellectuaes; só pelo modo que dissemos no numero precedente póde o demonio fingi-las. E em todas he bom se lhes não dê logo credito, e attender mais a Deos, que he a pura verdade, do que ás representações, em que não está a virtude.

461 As *Locuções* são de tres modos: a primeira que se forma com vözes externas, e se ouve com os ovidos do corpo: a segunda, que senão ouve externamente, mas se percebe tão claramente na imaginação, como se na realidade se ouvisse: a terceira he puramente espiritual, que nem se ouve, nem se imagina, mas só espiritualmente se ouve com o ouvido do coração, e entendimento. Estas locuções intellectuaes, ou espirituaes são de tres modos: as primeiras se chamão palavras *Succeſſivas*: as segundas palavras *Formaes*: as terceiras palavras *Substan-*

ciaes. As *Successivas* são as que forma a creatura, ou a alma recolhida em contemplação, em que fórma discursos, razões, e colloquios, que fóra da contemplação não saberia, nem sabe formar; e lhe parece que não falla só; mas que está fallando com outro, que lhe pergunta, e responde, e não sem fundamento, porque a esta locução assiste o Espírito Santo, e ajuda a alma a formar semelhantes conceitos. Nesta também se não póde introduzir o demonio; mas póde algũa vez haver engano por defeito da creatura, que por não se dispor bem para a luz divina póde de huns principios verdadeiros formar discursos, e conclusões falsas, e julgar que procedem de Deos estas palavras, que ella só fórma; principalmente se he curiosa, e cubiçosa de favores divinos, que será enganada em castigo da sua cobiça.

462 As *Formaes* são as que a alma sente ditas por outro, e não póde duvidar disso; e nisto differem das *successivas* em que estas as forma o espirito da creatura, e as *formaes* lhe são ditas *ab extrinseco*: e também em que as *successivas* as forma a alma recolhida em contemplação a respeito do mesmo, que contempla; mas as *formaes* lhe succedem ás vezes não recolhida, e que nem cuidava no que se lhe diz. Estas hũas vezes são mais expressas, outras apenas se percebem; hũas vezes muitas, outras poucas, hũas vezes passão logo, outras durão muito tempo. Nestas póde haver engano do demonio, que as póde fingir; por isso não se deve executar o que dizem sem maduro conselho, reflexão, e obediencia. As *Substanciaes* são as que causão n'alma effeitos sobrenaturaes; isto he, que obrão o mesmo que dizem; v. g. se dizem: *Não temas*, ellas mesmas desterrão todo o temor; se dizem: *Alegra-te*, já foge toda a tristeza por maior que fosse; e nisto differem das outras locuções que não obrão o mesmo que significão; e nestas não póde haver engano, porque não póde o demonio obrar taes effeitos n'alma. Póde porém o demonio causar no interior o susto, ou tristeza, e ao tempo que diz a palavra suspender o tal effeito, e parecer que he palavra substancial; mas nunca a alma

ma ficará em paz, se não sempre com desassossego, e pouca segurança.

CAPITULO IV.

Do caso que se deve fazer das visões, revelações, e locuções, e do modo de conhecer quaes são verdadeiras, ou falsas.

463 **C**omo nas virtudes he que consiste a verdadeira santidade, e as Theologas são na via o meio proximo, e immediato para a divina união, deve a alma pôr o maior cuidado no exercicio de todas, e attender só a Deos pelas Theologas, e abstrahir-se das creaturas para se unir com o Creador; porque não pôde unir-se com elle em quanto as potencias d'alma estiverem occupadas com objectos creados. Por isso nem ainda deve a alma procurar noticias claras, e distinctas de Deos; mas buscá-lo na escuridade da fé, pela qual se faz a união; e as noticias claras repugnão a essa fé. Por esta mesma razão não deve demorar-se em visões, ou revelações, nem aceitá-las, ou desejá-las com apêgo, mas renunciá-las da sua parte com humildade; porque contradizem tambem á pureza da fé, e porque podem ser falsas, e não está nellas o ponto da perfeição.

464 O mesmo se ha de dizer das fallas successivas, e formaes: mas as substancias podem desejar-se com humildade; porque não ha aqui perigo de errar, nem repugnão á pureza da fé, antes a confirmão em quanto chegão a alma a Deos, e ella o attende. Das visões, revelação, e mais favores, e communicações sobrenaturaes diz S. Boaventura (*Proces. 3. Relig.*) que como não são necessarias para a salvação, se não devem acreditar facilmente, nem estimar muito; porque são suspeitas, e muitas vezes são falsas, fingidas, e enganadoras, ainda que algumas verdadeiras, mas poucas; e por isso se não deve fazer muito caso dellas, por não andar á caça de hũa verdade entre muitas mentiras, como declarou S. Theresa. (*Histor. geral dos Carm. t. 2. l. 7. c. 3.*) E este he o parecer

er da mesma em muitas partes, e de S. João da Cruz; (*Subid. l. 2. c. 11., e 17.*) e do commum dos Mysticos. Por isso como o demonio muitas vezes se transfórma em Anjo de luz, e engana muito nas sobreditas apprehensões, deve haver muita cautela em as receber, ou approvar, e sem estar certa de que he verdadeira, não a deve a creatura acreditar; antes fazer pouco caso della; porque se for de Deos, elle fará em premio desta prudencia que se verifique a sua certeza com sinaes expressivos.

465 Pelos seguintes sinaes se poderá conjecturar, ainda que não com certeza, se são de Deos, ou do demonio, ou da propria imaginação. O primeiro que assignão os Mysticos, he attender aos effeitos, que fazem n'alma; que deste modo disse Jesus Christo poderiamos conhecer a hipocresia dos Fariseos, pelo fructo que produzissem; e que a arvore má não podia dar bom fructo, nem a boa mão. Por isso se ás ditas apprehensões se seguir a fantidude da vida fundada no exercicio das virtudes da humildade, paciencia, mortificação, caridade, despreço de si, &c., e para isto inclinarem essas communicções, póde-se julgar que são verdadeiras, e que procedem de bom espirito; mas deve ser perseverante o bem, para que inclinação, e não levar mistura de malicia; porque o demonio hũas vezes occulta o mal no meio de algũas obras boas, e não se lhe dá que estas se pratiquem, com tanto que com ellas se envolva o veneno disfarçado; e outras vezes incita para hũa cousa boa, mas pouco a pouco vai incitando para algũa má, que se pareça com ella. Porém se se vir vida impura, animo soberbo, e obras más, deve-se presumir que as apprehensões são de máo espirito, ou da propria imaginação.

466 O segundo final he attender á pessoa, que as tem; porque se for mulher, como estas são muito brandas, e vivas da imaginação, e muito mais se forem melancolicas, ou enfermas da cabeça, ou dos sentidos, podem facilmente enganar-se consigo, ou deixar-se enganar; e muito peor se forem curiosas, e anciosas por favores do Ceo. Tambem algũas pela sua pobreza fingem sobrenaturalidades,

des, para serem tidas por boas, e se irem sustentando por este caminho. Mas se são de costumes honestos, e se occupão em bons cuidados com humildade, e desprezo de si, e sem apêgo a esses favores, por serem mulheres não se lhes devem condemnar a falsidade: antes a estas os costuma Deos conceder mais que aos homens por duas razões: a primeira porque são mais fracas, e com esta refeiçao as quer o Senhor alentár, se não desfalecerião: a segunda, porque são naturalmente mais devotas, e affectivas, e o Senhor lhes quer conresponder com estes doces sinaes do seu amor. O terceiro final he attender ao que se revela, diz, ou representa se he bom, ou máo; se persevera no bem; se he segundo as Escripturas; e se a alma ainda que ao principio se affuste, logo fica pacifica, ou perturbada; porque as que são de Deos, ainda que ao principio afustem, logo pacificão, e fica a alma devota, e humilhada: mas se são de máo espirito, persevera a perturbação, e sente a alma máos estimulos, e tentações.

467 Tambem será máo final se a creatura não he amiga de padecer, mortificada, paciente, humilde, obediente; e se deseja, ou gosta muito destas communicões; porque isto nasce de soberba, e pouca desconfiança de si mesma. Tambem se ha de ver se as revelações são de materia grave, e necessaria, porque as de cousas inuteis, ridiculas, e desnecessarias são suspeitosas; e muito peor se a pessoa, que as tem, faz galla dellas, e as diz sem ser ao seu Director, ou a pessoa de maduro conselho em muito segredo. Advirta-se que se quando se sente o gosto, e suavidade espiritual dos favores divinos, se sentem ao mesmo tempo alguns estimulos, ou movimentos sensuaes, estes não são causados pelos favores de Deos; mas ou pelo demonio, ou pela concupiscencia da carne, que deseja contra o espirito por força da ley, que repugna á ley do entendimento; ou tambem póde proceder de que com aquella deleitação, e gosto espiritual n'alma, como tambem redunda parte no corpo com eila tão conjuncto, e unido, e se commove muito o calor natural, se exal-

tão os espiritos do concupiscível, donde procedem naturalmente movimentos carnaes, ainda contra vontade da creatura, e sem culpa.

468 O Director deve pedir a Deos luz para saber discernir as communicações verdadeiras das falsas; e sempre julgá-las com cautela, e nunca de forte que induza soberba, curiosidade, ou desejo dellas nas almas; nem deve ser muito affecto a ouvi-las, nem amigo de novidades, ainda que procedão de Deos, porque este o castigará com o deixar cahir em engano, e ás almas suas dirigidas convertendo-se em falsas as representações, que principiárão verdadeiras, em castigo da sua curiosidade, e occulta soberba, e presumpção. Persuada-se sempre, e o faça crer á creatura, que, como dissemos, não está nisto a santidade, e perfeição; e que ainda sendo verdadeiros favores de Deos, não se deve fazer delles muito caso: deve-se estimar mais o minimo gráo de caridade, do que as mais altas visões; porque estas pódem tê-las os grandes pecadores como Balaam, Faraó, e outros, mas não a caridade; e com estes favores nada se merece; por isso he melhor exercitar hũa obra de mortificação, do que gozar dos favores divinos.

469 Mas não se segue daqui que seja máo ter os que são verdadeiros; porque Deos sempre os concede, e ordena para fim santo, e honesto; e o mesmo, que os concede fará que produzão o effeito por elle intentado, se a creatura se humilhar, e renunciar da sua parte toda a consolação nesta vida, reconhecendo-se indigna de favores, quando só merece castigos. Por isso ainda quando o Director julgar, que são verdadeiros, faça conhecer á creatura, que como são fazenda do Senhor, os póde conceder a quem quizer, ainda sem merecimento da parte da creatura; e ainda que ella o tivesse, lerião os taes favores premio, ao qual só na Patria devemos aspirar, e cá na via só merecimentos devemos appetecer; que por isso muitos Santos ainda quando o Senhor lhes offerencia que pedissem, só pedião trabalhos, e despresos, por seu amor; porque sabião que nestes está o merecimento, e não nos favores divinos.

470 Mas nisto não digo que lhe mande desprezar os taes favores, e muito menos que cuspa, ou faça acções, ou diga palavras irreverentes ás imagens, ou pessoas santas, que se lhe representarem, que he desatenção reprehensivel; mas que as venere com respeito ao mesmo que representão, sejam ellas representadas por quem forem, que se hum gentio nos mostrar húa imagem de Jesus Christo, devemos adorá-la pelo que representa, sem se nos dar de que esteja em tão indigna mão. Ainda quando se julgar verdadeiro o favor, sem o desprezar, deve a creatura venerar, e estimar mais ao dador do que o dom; nem se demore muito no modo, ou na formosura, e accidentes da imagem, doçura das palavras, e outras cousas materiaes, que nella conheceu; mas attenda só aos bons movimentos, que lhe causa no interior, e siga estes como cousa de proveito, deixando os accidentes, que o não são; assim como da noz só se aproveita a medulla, e se faz pouco caso da casca. Esta doutrina serve para todos os favores divinos, e sobrenaturaes; e ainda nos falsos evitará o perigo, porque o demonio mais tenta com o modo, e accidentes, do que com os bons movimentos.

471 Não deve o Director atemorizar, ou desprezar com máo modo a creatura, que lhe cõmunica estes favores; mas ouvi-la com boa vontade, para que se explique de forte, que possa bem entender, e penetrar-lhe o espirito; e lhe aconselhe que lhe não occulte nada, que pôde ser muito engano, e he grande perigo, e que em quanto lho não communicar, ou a algũa pessoa intelligente, e de são conselho, se fique indifferente sem acreditar, nem desprezar o que sente. Ainda que veja na creatura alguns defeitos, ou imperfeições como não sejam de pura malicia, ou com affecto a elles, não deve logo julgar as representações por máo espirito, como diz S. Theresa; (*Mor. 6. c. 1.*) porque os maiores Santos tinham imperfeições, e Deos lhas permite para os humilhar, assim como as tentações para o merecimento.

472 Não seja facil em acreditar logo, e canonizar por verdadeiras as taes communicações, nem dizer á creatura

que são verdadeiras, ou falsas, só se vir que assim convem, mas que não cuide nellas, e só cuide no exercicio das virtudes, em que está a perfeição, e merecimento, e não nos favores. Muito menos deve dar-lhe a conhecer que por aquillo a estima, ou tem por boa; mas cuide muito em a humilhar, e reprehender-lhe asperamente os defeitos de forte que os conheça, e que elle a tem por imperfeita, e peccadora: mas deve fer com prudencia, para que lhe não cause demasiada afflicção, ou desesperação, ou seja causa de que ella lhe ganhe repugnancia de o communicar, e perca o conceito d'elle. Seja muito acutelado em guardar segredo, e não publicar estes favores das almas que dirige; mas será prudente que com o mesmo segredo consulte alguns Mestres experimentados, e doutos; occultando quanto poder a creatura a quem succedem os ditos favores.

473 Se estes favores forem conhecidos por verdadeiramente de Deos, será conveniente que se declarem por taes á creatura, como diz S. Theresa; (*Vida c. 10.*) porque he bem que ella conheça que Deos lhos faz sem merecimentos seus, e lhos agradeça; porque se não conhecemos que recebemos, não nos despertamos a amar; e he certo que então amamos mais, e nos vemos mais obrigados a conresponder quando recebemos mais bens, e mais beneficios. E se nos devemos lembrar dos geraes da Creação, Redempção, e dos mais que fez ao mundo, porque não será bem que conheçamos os que particularmente nos faz? Como conheça que os não recebe por merecimento seu, e que com elles não fica mais perfeita, senão mais obrigada, cessará todo o perigo de vaidade.

CAPITULO V.

Do Impulso divino, e do Extasis, e Rapto, ou Voo do espirito.

474 **O** Impulso divino he hũa certa força, ou violencia gostosa, com que a creatura se vê atrahida docemente, e excitada para tender para Deos com grande impeto do espirito, o qual he effeito da graça actual, e da liberalidade de Deos, com que dispõe a alma sem esperar para isso o seu consentimento. Estes impulsos procedem de hum altissimo conhecimento de Deos, que illumina a alma a modo de rayo, e com hũa vehementissima chama do divino amor, com que a alma he ferida como com hũa setta de fogo; de cuja ferida, como diz S. Theresa, (*Vida c. 24.*) a alma desejava morrer; e de tal sorte a transporta, e domina aquella suavissima pena, e doce gloria, que não sabe a alma que faça senão desejar sahir de si com impeto extraordinario; mas he tão saborosa esta pena, que não ha deleite na vida que mais satisfaça. Em fim são tão fortes, suaves, e subtis estes impulsos, e communicados tanto ao intimo centro da alma, que apenas se pódem explicar; e differem muito das communicações acima ditas, e das que se seguem; porque ordinariamente succedem á alma sem tal cuidar, nem se lembrar de Deos, senão que de repente vem aquella setta mandada por elle, ou como hum trovão insensível, e conhece a alma que a ferida foi feita pelo Esposo, e não póde duvidar que elle está presente; e ás vezes rompe em vozes de gemidos, ou queixas amorosas por aquella pena, que quizera se augmentasse, a qual hũas vezes cresce, outras se diminue.

475 Quem não tiver experiencia não póde bem conhecer estes impulsos, porque não são como aquelles vehementes causados pela devoção sensível, de que fallamos na oração de embriaguez, (*an. 379.*) os quaes inquietão muito, e debilitão a natureza, que com elles obra, e se

se não moderão , destróem a saúde ; mas estes são mui diferentes , porque não coopera naturalmente para elles a creatura , mas provém immediatamente de Deos , e esta pena não debilita , mas conforta : he ferida , que causa dor gostosa , e cura quando fere ; quizera a alma sempre morrer desta doença , e quizera não acabar por não deixar de estar tão gostosamente doente ; fica como louca , e fóra de si com esta pena gostosa , e não sabe como isto possa ser. Quando esta ferida não he muito penetrante póde ter remedio , e refrigerio , mas só em mais padecer ; só os trabalhos , penitencias , e mortificações do corpo he que pódem dar algum alivio ; e aindaque sejam grandes , então apenas se sentem , e he gosto o padecer dores grandes por Deos : mas este remedio não he para tirar a dor , he só para a mitigar com a das penitencias ; que á dor só Deos lhe póde dar remedio , e não apparece nenhum , senão a morte.

476 Porém quando a dita setta de amor fere com vehemencia o coração , e penetra as entranhas , não ha remedio nenhum , nem ainda para mitigar esta deliciosa dor ; mas de tal sorte domina a creatura , que athé lhe inhabilita o corpo para as funções naturaes , de sorte que muitas vezes não póde mover pé , nem mão ; e hũas vezes se fica extatica , e immovel de pé , ou sentada , ou como está , nem póde respirar senão com hũa voz submissa , ainda que no interior dá grandes gemidos. Estes impetos claramente se vê que são de Deos , nem podem proceder de outra causa ; por isso quem os tiver não tema engano , mas tema a sua ingratição. Costumão estes impetos , ou impulsos terminar em extasis ; e ainda que esta communicação he mui divina , com tudo he mais sublime outra pena deliciosa communicada no rapto , como diremos. (*a n. 481.*)

477 Ainda que os Mysticos cõmummente usão destas vozes *Extasis* , *Excesso* , *Rapto* , *Arrobamento* , ou *Arrebato* , *Elevação* , e *Voo do espirito* para significar o mesmo , e S. Theresa tambem diz que he tudo o mesmo com pouca differença , (*Vida c. 20.*) com tudo o rapto al-
gũa

gũa cousa diz mais do que o extasis ; porque este importa hum simplez excessõ do entendimento , segundo o qual a alma se eleva , e abstrahẽ suavemente dos sentidos , e fóra do proprio conhecimento : mas o rapto accrescenta sobre isto hũa certa violencia *ab extrinseco* , pela qual a alma se eleva a especular algum objecto por modo sobrenatural , e por hũa certa ligação , pela qual algũas vezes tambem arrebatã , e eleva o corpo. O excessõ , ou extasis hũas vezes acontece por causa interior , como quando a creatura vê cousas admiraveis , que a tirãõ fóra de si por força da admiração ; outras vezes por causa superior , como quando contempla cousas divinas , que a arrebatãõ fóra de si , isto he , fóra do conhecimento , que lhe he natural ; porque o amante por força do amor se diz que fae fóra de si ; e tanto o extasis , como o rapto se fazem formalmente na parte intellectiva , mas a appetitiva concorre como causa , porque do amor nasce que a creatura se aliene de tudo o que não he o amado.

478 Tanto o extasis , como o rapto , se são perfectos , sempre são com alienação de potencias , e abstracção de sentidos , e occupação de toda a alma ; porque o objecto divino , em cuja contemplação se excitãõ , attrahe , e liga de tal forte os sentidos , e a alma que a faz applicar com summa attenção ao que vê , que como he limitada , perde todo o sentido a tudo o mais , e desejava ter mais potencias que empregar em tanta admiração ; e he ás vezes de tal forte , que nem sentirá ferro , nem fogo , ainda que lhe molestem o corpo ; porque como não ha sensação sem advertencia do entendimento , e este está tão fixamente occupado em objecto superior , que lhe prende com maior força a attenção do que póde fazer qualquer objecto dos sentidos externos , ficãõ estes absortos , e alienados das suas operações , e percepções , ainda que os objectos façãõ nelles sua impressãõ : assim como naturalmente succede a hum que está com o entendimento muito applicado a hũa cousa ; que não percebe quaesquer vozes , ou som que lhe faça impressãõ nos ouvidos , só se for tão forte , que exceda a força , com que o attrahe o objecto

jecto do entendimento. Assim se os sentidos ficão com algũa percepção, não he extasis verdadeiro, mas só algũa suspensão, ou deliquio material, ou extasis inchoado, ou inferior.

479 Por isto, e pelo que se dirá se poderá conhecer quando estes excessos são de Deos, ou de outra causa; porque pódem tambem proceder de causa natural, ou do demonio, que pódem pôr a creatura fóra do seu natural. Por causa natural como por enfermidade, desfmaio, ou parocismo, ou por excesso de admiração de cousas naturaes, ou por excesso de pena, ou de gôzo, que fazem ficar a creatura como pasmada, absorta, e attonita. Pelo demonio, como succede nos arrepticios; e muitas vezes para enganar as almas virtuosas com o desvanecimento, e vangloria lhes causa estas suspensões com algumas suavidades, das quaes attrahidas ou com o gôsto, ou com a suavidade, e admiração ficão arebatados dos sentidos; e o demonio tambem os impede da sua operação ligando as potencias sensitivas, para que melhor pareça o que não he, e se acredite o seu engano. Por isso para se conhecer quaes são os verdadeiros, ou falsos, alem do que se disse no capitulo precedente, que se póde para aqui applicar, se observem as regras seguintes.

480 A primeira he que nos verdadeiros se representam á alma cousas grandes, sobrenaturaes, e divinas, e a incitação a amor intenso, e se não houver isto, não são verdadeiros, senão naturaes se a alma está ociosa, ou do demonio se se vê inclinada a cousas más. A segunda he que do que he de Deos, fica na alma hũa grande humildade, desprêso do mundo, e de suas honras, e vaidades, cuja vileza conhece claramente, e lhe dá pena o ser-lhe necessario tratar estas cousas transitorias; e lhe fica grande amor de Deos, e inclinação ás virtudes. Alguns Mysticos apontão outro final, que he tornar a creatura a seus sentidos, quando a manda a obediencia, e que se não torna em si, não he bom espirito; mas este final não he verdadeiro, nem infalivel. Primeiro porque ainda que o excesso seja causado pelo demonio, póde este suspender a sua

sua operação quando se põe o preceito , e fazer que a creatura torne em si quando manda a obediencia , e julgar-se verdadeiro o falso. Segundo , porque como a creatura está alienada dos sentidos , e não percebe o preceito não he máo espirito o não obedecer. Terceiro , porque como esta obra he mais de Deos que da creatura , e Deos não está fugeito aos homens , póde não fazer cessar a sua obra , ainda que a obediencia mande.

481 O raptó he húa especie de extasis mais subido , que succede com impeto repentino. A contemplação que nelle se tem , he superior á de recolhimento , e de quiete , e ainda á de união ordinaria , e tem effeitos muito mais excellentes : porque na união ordinaria póde-se resistir ao espirito , ainda que com difficuldade ás vezes , mas no raptó não há remedio de resistir ; porque vem tanto de repente , e com impeto tão forte , e acelerado , que logo absorbe a creatura , e a aliena dos sentidos , e lhe fere tão docemente a alma , que quizera morrer á força da suave dor , e pena que sente : e succede ás vezes que só de ouvir húa palavra de Deos , logo se arrebatá com impeto para o seu centro. No raptó não sabe a creatura , como S. Paulo , se está no corpo , ou fóra d'elle ; parece-lhe que foi levada a outra região mui differente desta , em que vio cousas maravilhosas , o que não poderia fingir com o entendimento , ou imaginação ainda que quizesse.

482 Esta manifestação dos segredos divinos húas vezes se faz por visão imaginaria , com que ve mais claramente as cousas , do que com os olhos do corpo ; e muitas vezes vê alguns Santos , e os conhece , como se tivesse tratado muito com elles ; outras vezes se faz por visão intellectual , e he o mais ordinario , principalmente nos raptos mais subidos. Quando a visão foi só imaginaria , póde a creatura , passado o raptó , fallar do que vio , porque lhe ficão os objectos tão impressos na memoria , que nunca mais se lhe riscão ; mas quando a visão he intellectual , ligão-se , e suspendem-se as potencias , e só ficão unidas a Deos com húa certa noticia geral d'elle ;
don-

donde se sentem algũa cousa particular apenas pódem dizer que o sentirão, mas não declarar como foi; porque são aquellas cousas tão sublimes, que não he licito ao homem dizê-las; mas se a visão não he de cousas muito sublimes, ainda percebidas intellectualmente, bem se pódem explicar por algum modo.

483 E donde proceda que a alma depois da maravilhoza visão do rapto apenas se lembre em particular do que vio, e muito menos o possa declarar, o explica S. Thereza (*Mor. 6. c. 4.*) com esta comparação; que assim como o que entra no gabinete do Rey, aonde se vêm muitas pinturas de raro artificio, muitos vasos de ouro, e prata, muita variedade de pedras preciosas, e muitas alfaias, e joias preciosissimas de varias materias, tudo rico, tudo ordenado maravilhosamente, ainda que vio tudo, apenas em particular póde dizer algũa cousa, ainda que diga em geral que vio muitas cousas, mui maravilhosas, e muito menos o poderá dizer se não conhecer o que vio; assim succede nos objectos sobrenaturaes communicados por Deos, que excedem totalmente a nossa capacidade natural. O rapto he hum singular dom de Deos, e hum insigne testemunho da sua amizade; mas nem por isso deve a alma dar-se por segura, antes obrar com temor, e tremor a sua salvação. Nem deve com estas delicias esquecer-se de chorar os peccados, antes deve ter maior a dor delles, quanto maior conhecimento tem da bondade, a quem offendeu; e deve desejar antes carecer daquelles favores, do que da dor das culpas, desprezo de si, e conhecimento proprio.

484 Tanto o rapto como o extasis muitas vezes succedem com elevação do corpo, mas não se segue que seja tudo o mesmo, porque esta elevação he communicação mais sublime do que o rapto, ou extasis, e só succede regularmente ás almas perfectissimas, e já constituidas no estado do espiritual matrimonio. Nesta admiravel elevação, que hũas vezes dura mais tempo, outras menos, fica algũas vezes o corpo tão leve, que como se fora hũa pena, com hum leve sopro se póde mover de hũa

hũa parte para outra ; outras vezes fica o rosto tão resplandecente , e formoso , que parece já está possuindo a gloria. E regularmente fica tão insensível , que ainda que o molestem , ou firão não o sente , nem dá sinal algum de mudança. Que a causa desta elevação seja a vehemencia , com que o espirito se eleva para Deos , que por força da sua elevação arrebatada tambem consigo o corpo , o eleva , e o conserva assim elevado em quanto o espirito assim persevera , he sentença dos Mysticos ; mas como possa o espirito fazer isto he que he a difficuldade ?

485 A qual responde o Author da Lucerna Mystica (*Tr. 5. c. 30.*) que como esta elevação se concede ás almas perfectissimas no estado do matrimonio , o qual se começa na via , e se consuma na Patria , e assim como na Patria se chama bemaventurança completa , tambem na via se pôde chamar bemaventurança inchoada ; tambem assim como no Ceo , e matrimonio consumado , e bemaventurança completa se concedem completamente sete dotes gloriosos ; tres que pertencem á alma , que são *Visão* , *Comprehenção* , e *Fruicção* , e quatro , que pertencem ao corpo , que são *Claridade* , *Agilidade* , *Subtileza* , e *impassibilidade* ; assim na terra no matrimonio rato , e bemaventurança inchoada concede Deos tambem inchoada , e inpletamente algũas vezes á creatura os mesmos sete dotes como arras do futuro matrimonio : dos quizes na elevação se vê n'alma a visão na manifestação que Deos ali lhe faz de si , e das cousas divinas : a comprehensão no claro conhecimento , que tem da divindade , e suas perfeições quanto na via se pôde perceber : a fruicção em quanto goza de Deos presente com incomparavel suavidade.

486 No corpo se vê a claridade no resplendor , que muitas vezes despêde de seu rosto : a agilidade , com que perde o seu pêso , e gravidade , e pôde com hum sôpro ser movido sem resistencia : a subtileza , com que parece muitas vezes diáfano , crystalino , e como celestial , outras se reduz a mui pequeno espaço , e passa por onde naturalmente não cabia ; e a impassibilidade , com que nem sente pena , nem dor , aindaque o firão , e molestem. E

daqui infere o referido Author que da communicação destes dotes que redundão no corpo elevado como arras do futuro matrimonio na Patria he que procede o elevar-se o corpo com o espirito; pois he certo que fica o corpo como espiritualizado, e sem a gravidade, que o dote da agilidade lhe tirou, e por isso sem violencia, nem pêso, que resista ao espirito.

487 Ainda que o demonio não pôde fingir a elevação do espirito, que precede á do corpo, nem imitá-la, pôde causar algum deliquio, e suspensão dos sentidos, e elevar o corpo ao mesmo tempo, e cercá-lo de resplandores externos, como se tem visto algúas vezes; por isso deve o Director examinar a interior occupação d'alma; porque se vir que com o corpo se eleva juntamente o espirito áquelle altissimo conhecimento, e gôzo de Deos, será boa elevação; porém se o espirito se elevar pouco, ou nada, será astucia do inimigo para causar vaidade na creatura, ou para outro fim máo. Outros favores divinos numerão os Mysticos, como são as *Sensificações* nos sentidos, os *Tactos Substanciaes*, as *Lagrimas sobrenaturaes*, o *Deliquio das forças materiaes*, a *Insania do espirito*, a *Inextinguivel sede de Deos*, a *Doença*, ou *Ferida*, ou *viva chaga* do divino amor, e outros, que todos se pôdem reduzir aos que deixamos explicados, e quem quizer os pôde ver no referido Author da *Lucerna Mystica*. Tambem há húa *embriaguez*, e *somno de potencias* em gráo mais sublime do que os que ficão explicados no estado de proficientes; (*an. 383.*) mas como só differem delles por mais subidos, e intensos, basta o que ali delles se disse. *Vô-o do espirito*, não he outra cousa senão aquella elevação repentina do espirito, que no rapto acontece. (*S. Theresa Vid. c. 20.*)

CAPITULO VI.

Dos Desposorios divinos.

488 **D**E tres modos se despósa Deos com as almas : o primeiro he por fé, e caridade, e se faz no Baptismo. O segundo he por livre, e voluntaria entrega d'alma a Deos com solemne promessa de se dar toda ao seu amor, e obsequio, renunciando tudo o mais, e este se faz na profissão Religiosa, ou ainda por especial promessa, e efficaz resolução da creatura. O terceiro he por mystica, e altissima communicação, e amizade com Deos, e he quando este Senhor a une consigo por hum especial, e altissimo favor, e lhe infunde hum ardentissimo desejo de se unir com elle inseparavelmente, e lhe promete celebrar com ella o espirital matrimonio, a que aspira. Deste terceiro *Desposorio*, e divina promessa he que tratamos aqui; o qual ainda que ordinariamente se celebre entre Deo, e alma já purgada nas partes sensitiva, e racional, e apartada das consolações sensiveis, e do commercio dos sentidos, e formas materiaes; muitas vezes o tem o Divino Esposo celebrado com algúas almas na sua tenra idade, e ás vezes ainda antes da do commum uso da razão; porque como elle he Senhor dos seus favores, prevendo a fantidade daquellas creaturas, como impaciente da demora lhes dá muito cedo a segura esperança do futuro matrimonio com o desposorio presente: assim lemos que a algúas almas lhes deu a mão de Esposo na primeira infancia, a outras na idade juvenil, e a outras já na idade crescida.

489 Este desposorio hũas vezes o celebra o Divino Esposo por externa visão, e com real tradição de algum sinal de esposa; outras por visão imaginária; mas pela maior parte he em visão intellectual communicada á alma toda absorpta dos sentidos, e elevada em extasis, arrobamento, ou rapto, em que hum, e outro amante feridos do amor se offerecem gostosissimos a ser hum do ou-

tro, e fica a alma aqui já em parte faciada das ancias com que buscava o Amado, porque já o achou, e o tem, supposto que ainda não no completo vinculo de amor, já com tudo em húa segura promessa, e esperança, e em hum gráo de união tão elevado, que a transporta toda em jubilos, e a faz gozar pacifica de Deos em hum excesso de ardentissimo amor do Esposo, que experimenta presente; mas este mesmo amor á impaciente em anciosos desejos de se unir indissolubelmente com elle, não só no divino matrimonio, mas tambem na consumação da Patria, aonde o veja não já debaixo de véos, e em enigmas, mas o goze em si, e o veja face a face.

490 Neste sublime favor se lhe communica hum tão grande conhecimento de Deos, que fica tão elevada, e possuida do seu amor neste excesso, que se Deos a não confortára acabaria á sua violencia. Nada gosta de cuidar se não no Amado, nada lhe satisfaz o amor se não o Esposo. Conserva húa presença de Deos como habitual, ainda que não tão perfeita como a do matrimonio divino. E assim como entre os esposos da terra depois que celebrão o desposorio se frequentão amantes visitas, recados, e dons de parte a parte, assim o Esposo Divino regala muitas vezes a sua esposa já com visitas, já com visões celestiaes, já com favores, e dons sobrenaturaes, e divinos. Aqui se continuão muito os extasis, raptos, e noticias de cousas divinas, e ás vezes succedem em publico estes favores, porque quer o Senhor dar a conhecer que escolhe aquella alma por sua; mas para ella he isto grande tormento, e tambem origem de trabalhos, e murmurações do mundo, tendo-a por fingida, invencioneira, hipocrita, e fanatica.

491 Mas he de notar que ainda que os desposorios da terra se celebrão só húa vez, não he assim nos divinos; senão que tantas vezes se continuão, e se renova a promessa cada vez com mais firmeza, e segurança, quantas se repetem os extasis, visões, e visitas do Amado; pois aqui não vive o Esposo sempre com a alma em presença real como no espirital matrimonio; mas, como
diz

diz S. Theresa, (*Mor. 7. c. 2.*) se ausenta della algũas vezes, ou para experiencia do seu cuidado, e affecto, ou para prova da sua fidelidade, ou para seu maior merecimento pelas fadigas, com que ella nestas penosas ausencias inlaciavelmente o procura; ou tambem para que ella se não apegue muito á consolação de o ter presente, e não deixe por isso de o amar pelo que elle merece, e o ame só pela conveniencia do gôzo; e por isso assim como os esposos da terra nestas ausencias padecem faudades, assim estes retiros do Amado são para a alma hũa faudade penosa, hum incomparavel tormento maior do que quantos tem padecido, porque lhe he tanto mais sensivel esta falta do seu unico bem, e alivio, quanto mais o tem conhecido; por isso não descansa, nem ha para ella instante de refrigerio senão aquelle, em que gôza do Amado, e ainda este gôzo lhe he misturado com pena, porque sabe que lhe ha de durar pouco tempo, e que o Esposo se ha de retirar outra vez; e tomára morrer para se unir inseparavelmente com elle, e se livrar do perigo de o offender, e perdê-lo.

492 Já dissemos alguns effeitos desta oração de desposorio; outros são os meismos da oração de união; pois esta o he verdadeiramente não no grão supremo, nem no infimo, mas sim no medio, como dissemos. Aqui só diremos mais alguns, dos que aponta S. Theresa tratando deste desposorio. (*Mor. 6. c. II., e antec.*) O primeiro he aquelle grande conhecimento de Deos, e de suas grandezas, que dissemos, nascido do que elle lhe communicou na subida contemplação. O segundo he aquelle grande desejo de morrer, e de ir gozar de Deos inamissivelmente, como já se disse, tanto pelo muito que o ama, e deseja nunca já mais se separar da sua presença, como pelo muito que teme offendê-lo. O terceiro he hum grande desprezo do mundo, e de tudo o que nelle se estima; tudo lhe causa fastio porque não vé nelle o descanso, e satisfação, que tem em Deos.

493 O quarto he hum habitual, e intensissimo amor de Deos, que lhe anda sempre acceso, e como fumegando

do no coração , e com qualquer palavra que ouça , ou leia de Deos , ou pensamento , ou lembrança da sua bondade , ou perfeições , se aviva , e levanta chama , e sente como húa setta de fogo penetrativo , que lhe fere o intimo da alma. E aindaque he breve esta ferida , e toque , parece que a consome , e abraça , e lhe causa húa dor tão viva no superior do espirito , que a Santa que o experimentou , diz que por aqui conheceu como podem as almas padecer no Purgatorio , ainda que não tenham corpo : e que he como hum rayo , q̃ tudo consome quanto ha da nossa terra ; cuja dor faz dar grandes gritos a quem a padece , porque não está na sua mão o reprimilos , nem tem advertencia , nem força para isso. E passado este breve tempo costuma depois andar com húas lagrimas , e suspiros por seu Amado , os quaes não póde muitas vezes reprimir ; ainda que então melhor póde soffrer este incendio , o qual he hum instrum̃to de purgação do amor , que diremos.

494 O quinto he húa grande dor dos seus peccados , a qual não se mitiga com a confiança de que Deos lhos terá perdoado pela dor , e penitencias , com que tem clamado á sua misericordia ; porque como tem tanto amor a Deos , e conhecimento da sua infinita bondade , não póde deixar de sentir que ouvesse tempo , em que tivesse offendido a tão bom , e tão amavel Senhor ; e por isso qualquer pequena falta a afflige , porque em nada quizera desgostá-lo , e só considerar que em quanto vive póde peccar , e apartar-se de tão amavel Esposo lhe he grande tormento ; por isso quizera não viver. Advirta aqui o Director , que aindaque o demonio não póde fingir este desposorio com extasis , e visão verdadeira ; póde com tudo fingir visão externa , transformado na imagem de Christo , causar na creatura algũa suavidade sensivel , e dar-lhe a mão de fingido esposo com falsas promessas do matrimonio futuro ; mas não poderá imitar os effeitos do verdadeiro desposorio ; por isso a estes deve mais attender , do que á visão , ou suavidade della para evitar o engano.

CAPITULO VII.

Do exercicio das Virtudes em gráo heroico.

495 **A** Ssim como o estado do divino desposorio já não he ordinario na alma, mas muito especial, e elevado, não só pelo que he em si, mas muito mais por ter disposição para o mais sublime, que a espera, qual he o do divino matrimonio, tambem ella se não satisfaz já, nem deve satisfazer com a perfeição ordinaria na pratica das virtudes, mas deve cuidar em as fazer subir ao gráo heroico, que he como ornato, e ellas são as joyas da esposa, com que ella se adorna, e prepara para o seu Amado; não só para o dia do solemne matrimonio, mas tambem para todos os que com elle ha de viver unida neste sagrado conforcio, em que sempre ha de ir augmentando o lustre das virtudes, e aperfeiçãoando a mesma heroicidade dellas, porque he qualidade, que póde ser mais e mais perfeita, e nunca chega á possivel perfeição. Estas virtudes, que se chamão do animo purgado, porque só os perfeitos as exercitão, então se chamão heroicas, quando se praticão por modo, e com perfeição mais que ordinaria, e que só se acha nas almas, que tem chegado a hum gráo perfeito de divina união, em que já não vivem ellas, mas só nellas vive Jesus Christo. E para que se conheça quando se praticão com esta perfeição, ou a perfeição com que se devem praticar para serem heroicas, direi aqui brevemente em que consiste o gráo heroico de cada húa.

496 **A Fé** heroica não só consiste em que seja viva com obras, e firmada em graça, e caridade; porque esta acha-se em todos os justos; mas accrescenta a isto húa certa infalibilidade, e firmeza, que lhe parecem evidentes os seus mysterios; de sorte que não lhe parece á creatura que os cré, mas que os vê claramente, porque nada que veja lhe parece tão certo, como os ditos mysterios. E esta fé lhe infunde hum grande desejo de seguir

o caminho da cruz, e de praticar todas as virtudes, que a podem conduzir á posse das verdades que acredita. Esta he a fé que Jesus Christo queria nos seus Apostolos, e a que he necessaria para resuscitar mortos, transferir montes, e fazer milagres. A *Esperança* heroica he que seja só em Deos, e de todo o coração, e com hũa segurança indubitavel, e não instavel, e fluctuante, como he a ordinaria.

497 A *Caridade* heroica para com Deos consiste em que o amemos a elle pela sua bondade, e tudo o mais nelle por amor d'elle, prescindindo de que haja gloria que esperar, nem inferno que temer; e então se diz heroica quando he mais activo o incendio do divino amor, o qual se mede pelo exercicio das mais virtudes, a que excita a caridade. Quando a caridade, ou amor de Deos he heroico, he tão grande o seu ardor, que não só transforma a alma, mas algúas vezes redundando no corpo; por isso alguns Santos ainda na via tiverão alguns, ou todos os dotes do corpo glorioso algúas vezes. A *Caridade* heroica para com o proximo, não he só amar ao proximo, amigos, e inimigos, bons, e máos como a nos mesmos, que isto he preceito, que obriga a todo o Christão; mas he amar a todos em hum só corpo, ou como membros de hum só corpo, que se move por hum só espirito, e desejar, se for necessario, padecer, e morrer no exercicio da caridade.

498 A *Prudencia* heroica consiste em que o homem dirija todas as suas acções para o recto fim, e que ache o meio em todas as virtudes moraes sem declinar em nada para os extremos. Por tanto quem tiver a prudencia heroica ha de ter todas as mais em gráo heroico, porque ella he directiva de todas; e assim o que for prudente em gráo heroico, certamente tem chegado ao cume da perfeição; porque tem todas as virtudes heroicas. A *Justiça* heroica tambem tem parte de todas as virtudes; que por isso se chama justo o que he virtuoso. Assim quem tiver a justiça em gráo heroico, ha de observar exactamente no ápice todas as leys divinas, humanas, e naturaes,

raes, que forem justas. Se for pessoa, que deva distribuir os bens cōmuns, não deve attender á carne, e sangue, á natural inclinação, ou affecto, mas só ao merecimento dos fugeitos, e bem da republica. Não deve fazer a minima injustiça por pensamento, palavra, ou obra; mas dar a cada hum o que he seu. E se ha de exercitar a vindicativa, ha de castigar quando a justiça o pedir só com o zelo della, mas compadecendo-se do reo com entranhas de piedade, e compaixão.

499 A *Fortaleza* heroica he quando de tal sorte se tem domadas as payxões, e subjugados os inimigos, que já como que se não sinta a sua guerra, e movimentos; porque ainda que fação força, he tão pequena á vista da fortaleza que achão na alma, que parecem pigmêos contra o Gigante. Esta mesma fortaleza foi a que animou os Santos a soffrer grandes trabalhos pelo Senhor, e a não ceder aos tormentos, e martyrios, antes todos lhe parecerem poucos, e por isso desejavem mais, e mais, e em todos estarem contentes, e alegres, zombando dos tyranos, e dos tormentos como se nada os sentissem. A *Temperança* heroica consiste em hũa total abstracção de todo o deleite terreno, ainda licito tanto em materias venereas, como em comer, e beber; de sorte que em nada já busque o gosto, ou regalo do corpo, e como que ignore que os haja; e tudo quanto nestas materias obrar seja meritorio pelo recto fim, e não defectuoso por satisfação de appetite.

500 A *Religião* heroica he quando o culto que se dá a Deos, e aos Santos, he com a maior reverencia, respeito, e devoção. A *Penitencia* heroica he quando se exercitão rigores, que excedem de algum modo as forças humanas, e actos de dor tão intensos que penetrão athé a divisão da alma, e do espirito. A *Observancia Regular* heroica consisté na exacta observancia de todas as leys, ainda minimas, de todos os costumes, e ceremonias da Religião tanto em commum, como em particular, e ainda na companhia dos inobservantes, e relaxados: para o que o melhor meio he ter grande veneração a todos os

preceitos, leys, e determinações, ainda que pareçam de pouca entidade, e respeitá-las como dictadas, e inspiradas por Deos; nem disputar se são, ou não são convenientes, antes observá-las com rendida, e prompta fugeição, e vontade. A *Obediencia* heroica consiste nos actos extraordinarios, e sublimes desta virtude; como obedecer sem hesitação, nem renitencia ainda interna, e ainda aos prelados imprudentes, e malevolos, não lhes repugnando ao preceito, que não seja contra a ley de Deos, da Igreja, ou dos Monarchas. E ainda obedecer aos iguaes, e inferiores, como fez Jesus Christo, e sua Mãe Santissima; porque quanto o preceito he mais difficultoso, tanto he mais heroica a obediencia.

501 A *Paciencia* heroica consiste na alegre, e inalteravel tolerancia nos trabalhos, dores, afflicções por amor de Deos, e da virtude; porque o ouro prova-se no fogo, e o justo na tribulação, e quem as sofre com alegria he verdadeiramente justo. A *Mansidão* heroica consiste na perfeita moderação da ira, e conservação alegre da paz do coração, nas contradicções da propria vontade, e nos impulsos do irascivel; pois só se podem dizer verdadeiramente mansos os que não se alterão nas occasiões, que tem para isso, antes nellas se conservão pacificos, e alegres com os desprezos, e injurias, e que dão bem por mal; porque a perfeita mansidão está não só em nos não irar-mos, mas tambem em amar a quem nos dá a causa, gostar com ella, e fazer-lhe por isso bem como em recambio da occasião, que nos dá de merecimento, como fez Jesus Christo pedindo pelos mesmos, que o crucificarão. A mansidão differe da paciencia em que esta he a respeito dos males, que advem naturalmente, e a mansidão he a respeito da causa, com que o proximo nos commove o irascivel.

502 A *Resignação, e conformidade* heroica consiste em que a creatura receba tudo como vindo da mão de Deos seja bom, ou seja máo, prospero, ou adverso; porque o bom determina-o, e o máo permite-o para melhor bem, por isso dizia o S. Job: *Se recebemos os bens da mão*
de

ae Deos , porque não receberemos della os males? O que se une com Deos nesta heroica resignação , he verdadeiramente bemaventurado na terra ; pois com tudo se alegra , porque em tudo acha feita a vontade de Deos , que he o que so quer , e por isso nada sente se não o que he contra ella ; nada teme se não o perdê-lo , ou offendê-lo. A *Rectidão das obras* , ou *Pureza de intenção* heroica consiste em que se procure só a gloria , agrado , e serviço de Deos em tudo o que se pensa , diz , ou faz ; que o espiritual não so se esqueça de tudo fóra de Deos , mas ainda de si mesmo por Deos ; e q̄ não só obre por agradar a Deos , mas porque Deos lhe agrada , ou porque isso agrada a Deos. A *Misericordia* heroica consiste em se compadecer das miserias , e necessidades alheas como proprias , e procurar foccorrê-las , e remediá-las como suas.

503 A *Humildade* heroica não consiste só nos actos ordinarios desta virtude , como ter-se em pouco , fugeitar-se aos mais , occupar-se em ministerios humildes ; mas consiste em huns actos mais eminentes , que raras vezes se praticão ; como são : primeiro huma total ignorancia da sua virtude , e santidade , ao mesmo tempo que todos os mais lha conhecem. Segundo occultar quanto poder os favores de Deos , e tudo o que póde redundar em louvor proprio. Terceiro sofrer com paciencia , e sem perturbação interior , nem exterior os desprezos , injurias , e falsos testemunhos. Quarto ter grande alegria , e consolação com os desprezos. Quinto procurá-los , e fazer diligencia por elles com obras , e palavras , como cousa , que lhe he devida , e que he rasão se lhe faça tão propriamente , como he proprio á terra o andar debaixo dos pés. Sexto julgar-se a creatura mais vil , minima , e mais peccadora de todas. Setimo attribuir aos seus peccados , e ingratições todos os males do mundo , e castigos , que Deos lhe manda. Oitavo não sentir movimento algum de soberba , ou vangloria.

504 A *Simplicidade* , ou *sinceridade* , ou *candura* de genio , e coração então he heroica , quando a creatura tem hum animo tão columbino , que nada faz com malicia ,

simulação , ou engano , nem ainda com equivocacões ; porque supposto que estas algũa vez sejam licitas , com tudo repugnão muito á santa simplicidade , se forem frequentes , a qual faz que o sincero , e simplez verdadeiro não diga hũa coufa com a boca , e tenha outra no coração , que isto he simulação , e refolho. O que tiver a simplicidade heroica assim como não sabe fingir , nem enganar , assim o julga dos mais , e por isso acredita como verdade ainda os mesmos impossiveis que lhe affirmão , como se refere de S. Thomás de Aquino , que creu que voava hum boi , porque lho affirmava hum sacerdote. Esta simplicidade he loucura , e estulticia para com o mundo , mas he alta sabedoria diante de Deos , e estes são os simplices , com quem são as praticas do Senhor. *Cum simplicibus sermocinatio ejus. (Prov. 3.)*

505 A *Pobreza* heroica não consiste só na abdicacão do dominio , e propriedade das coufas ; mas alem disto acrescenta hũa singular renunciacão do uso de qualquer coufa , ainda minima , que não seja indispensavelmente necessaria ; e ainda a negacão do seu desejo : mas são mui poucos , ainda nos claustros , os que assim sejam pobres ; por isso tambem são mui poucos os que entrão no ceo do matrimonio espirital , que são só os que assim o forem ; pois os ricos , e apegados ás coufas do mundo nem neste , nem no da gloria pódem entrar ; e he tão certo , que Jesus Christo disse , que era mais facil entrar hum camelo pelo fundo de hũa agulha , do que hum rico no ceo. *Facilius est camelum per foramen acus transire , quam divitem intrare in regnum cœlorum. (Math, 19.)* E he a razão disto , porque sendo a porta do ceo tão estreita , que ainda quem for nú de todo das coufas do mundo só com força , e violencia a poderá passar , como poderá caber por ella quem for vestido , ou envolvido com algũa coufa , pouco que seja ? Este pouco , ainda que pouco , he embaraço ; e ainda que he embaraço pequeno , em quanto se não tirar embaraço ; assim como hũa linha he pequena prisão , e facil de romper , mas em quanto se não rompe prende , e basta para deter a quem

quem prende. O heroico *Desprezo* do mundo accrescenta a esta pobreza hũa total negação com o coração, e desejo a todas as honras, estimações, vaidades, e divertimentos do mundo, amando só os desprezos, e o retiro por amor do Senhor, e abraçando-se com a sua cruz.

506 A *Abnegação* de si, e heroica *Austeridade* de vida consiste em sempre procurar o maior trabalho, o maior desprezo, o de que menos gosta, e menos se agrada, o que mais afflige, o mais humilde, e desprezível, e desejar totalmente ser pobre, e privar-se de tudo o do mundo por amor de Deos. Finalmente na total deização, e renunciação de toda a vontade propria, de toda a consolação humana, e ainda espiritual; e em se abraçar gostoso com todo o trabalho, rigor, e tribulação, que o Senhor lhe permittir. Mas porque são rarissimos os que assim o praticão, por isso são tão poucos os que sobem ao ápice da virtude. A *Castidade* heroica consiste na yirgindade do corpo, e do desejo, e será heroica em quem tiver estes sinaes. Primeiro que a creatura na vigilia não sinta estimulos, nem alterações carnaes. Segundo que o entendimento não se demore em pensamentos lascivos. Terceiro que ainda que veja pessoas de differente sexo, não sinta nem leve incentivo da concupiscencia. Quarto que ainda quando trata, ou lê materias, que suscitam especies libidinosas, não sinta exaltado o appetite. Quinto que athé não tenha já sonhos deshonestos, nem os seus impuros effeitos.

507 A *Modestia* heroica consiste na perfeita composição do exterior, e então se dá quando todas as acções são bem compostas; mas principalmente se mostra no rosto sereno, humilde, e alegre sem excesso; na ordenada composição da vista, porque não deve o varão perfeito levantar os olhos se não para o ceo, e fóra disso trazê-los sempre abatidos, e empregados na terra, de que foi formado. Não deve ser facil, nem immoderado no riso, que sem necessidade he defeito, e com excesso sempre o he; e não lemos que Jesus Christo se risse huma só vez, chorando tantas. O seu andar deve ser grave,

ve, e as suas acções sem affectação. O *Silencio* heroico consiste naquella solidão, á qual Deos disse que havia de levar a alma, para ahi lhe fallar ao coração. Para ser heroico não he necessario calar sempre, antes o calar algumas vezes he máo; mas deve fallar só o necessario, e calar o superfluo; o que he mui difficultoso reduzir-se ao meio. Finalmente o gráo heroico de todas as virtudes consiste na maior perfeição da sua observancia, sem mistura de defeito, e este gráo, e heroismo das virtudes he que he necessario n'alma para entrar ao gôzo do Senhor, e felicidade do divino matrimonio, que he o gráo mais perfeito da vida do espirito; e por isso na beatificação dos santos se faz primeiro prova, e exame se tiverão as virtudes no gráo heroico.

CAPITULO VIII.

Da Purgação do Fogo, ou do Amor.

508 **D** Esta terceira purgação não tratão expressamente todos os Mysticos, mas muitos affirmão que e da, e expressamente a declara S. Theresa no capitulo onze das Sextas Moradas com o nome de purgatorio; e a mesma razão, além da experiencia o perluade: pois assim como o Divino Esposo para o primeiro gráo de união, e favor da sua alegre vista com a esposa a dispos com a purgação do sentido; e para o do divino desposorio a preparou com a purgação do espirito; sendo incomparavelmente mais alto o elevado gráo de união, a que a quer sublimar no espiritual matrimonio, he sem duvida, que tambem primeiro a ha de prevenir com algum modo purgativo tanto mais subtil, e delicado, quanto mais especial he a graça q ha de receber, cuja graça do matrimonio divino já dissemos se póde chamar bemaventurança na terra, ou terceiro Ceo em que a alma como S. Paulo vê, e ouve ocultos segredos, e palavras, que lhe não he licito fallar; e por isso tambem he justo q para este terceiro Ceo se disponha, e a crisóle neste terceiro purgatorio.

509 Além de que assim como a purgação do espirito se faz para arrancar os habitos imperfeitos, que a do sentido não póde acabar; assim he necessaria esta terceira para depurar a alma, e alimpá-la d'algúas pequenas imperfeições, que supposto não são culpaveis, e a não fazem já muito disforme, com tudo a fazem ainda improporcionada, e dissimilhante ao Esposo, com quem se ha de unir, e cuja imagem deve representar. E assim como o sabio escultor para fabricar a imagem primeiro usa de instrumentos grosseiros, e fortes, que cortão no madeiro informe, e lhe dão os primeiros desenhos, e delineamentos da imagem; depois vai cortando com outros já menos grosseiros, e que já lhe dão toda a fórma, e disposição das partes; e ultimamente para alimpar, e aperfeiçoar de todo usa dos mais delicados, e subteis; assim o Artifice Divino com o forte instrumento da purgação do sentido, corta n'alma as grossarias da materia; com o agudo da do espirito lhe dá a fórma de espirito, e a constitue já imagem sua, aindaque não limpa de todo; e com o subtil, e delicado da do fogo, ou do amor a limpa, e purifica de todo, e lhe dá a ultima perfeição, e tal perfeição, que he similhante á do Pay Celestial, como manda, e requer Jesus Christo, o que principalmente se entende neste estado do espirital matrimonio. *Estote perfecti sicut Pater vester caelestis perfectus est.* (Math. 5.)

510 E he a razão, porque como aqui se ha de unir com Deos em vinculo já em certo modo indissolúvel, e ha de ficar húa mesma cousa com elle no espirito, assim como os esposos da terra o são na carne, he necessario q' o espirito da esposa se faça proporcionado, e com húa certa similhança com o do Esposo, e q' o amor com que o ama, seja reciproco, e similhante ao com que he amada por elle; e como este he verdadeiramente de amicicia, alheio de outra conveniencia, que não seja da mesma esposa, e ella pelas cõmunicações, e gostos divinos, que em todo este meio do espirital desposorio tem recebido de Deos, conserva algúa menos pureza, e rectidão no amor, que

que supposto já he de amicicia, ainda conserva algũa mistura de concupiscencia, e apêgo á suavidade dos favores, e consolações, e ao premio da futura gloria, a que aspira; e além disto conserva outros defeitos, como o da falta de paz, e tranquillidade no mesmo amor, o qual ainda he com algum modo de defassoslego, e inquietação, que não deixa o espirito tão quieto, e pacifico, como deve estar para a divina, e alta união do matrimonio; por isso o Senhor a mette neste purgatorio saudavel, donde saia crystalina, pura, e sem macula na substancia, e modo de amar.

511 Consiste pois esta *Purgação do amor* em hum intensissimo fogo de amor purgativo, com que o Esposo investe a alma tão fortemente que toda se vê arder, e abraçar-se, e aquelle fogo levantar chamas tão altas, que parece se quer desprender da materia, em q̄ arde, e voar ligeiro á sua esfera; e isto lhe seria consolação; mas porque vê que ainda vive, e não acaba de morrer, como queria, este não morrer lhe he tormento, e a mata porque não morre. Este amor lhe he hũa setta penetrante, que lhe traspassa a alma, e tira a vida por isso mesmo que fere sem matar. He martyrio excessivamente penoso, e prolongado, e hũa continua morte, que mata porque não mata. Por isso em quanto vive assim, não faz se não gemer, chorar, e suspirar com dor, e sentimento inconsolavel, porque se prolonga o desterro, e se lhe demora o ver o Amado, por quem suspira, e para quem vôa, e faz força o espirito: e são tão vehementes estes vôos, e tão fortes estes impulsos, que ás vezes acabaria a vida á sua força, se Deos a não confortára.

512 Mas esta pena, ainda que tão grande, a estima em muito a alma, e não quisera que lhe faltasse, nem a trocaria por cousa do mundo; só sim por ver, e gozar de seu Amado; porque em fim he morrer de amor de Deos, que he cousa dulcissima; e por isso succede a hum mesmo tempo achar-se com grande gozo, e grande pena, porque he pena gozosa, e he gozo penoso. Parece q̄ não pôde ser, mas bem vê que sim quem o experimenta,

rimenta, e bem o conhecêrão os martyres no gosto, que lhe causavão os tormentos. Esta pena gozosa procede de que, como a alma vai cada vez conhecendo mais a grandeza de Deos, cresce tambem no amor para com elle, e no desejo de o gozar; e por isso deseja com S. Paulo dissolver-se, e ir estar com Christo; e como vê que ainda vive, e se lhe dilata a posse de tanto bem, se penetra de hũa penosa afflicção, segundo aquillo, que a esperança, que se differe, afflige a alma; mas como esta pena se envolve em intimo amor, e naquelle desejo, que a mesma pena lhe pôde comprir, pois sendo grande pôde dar así mesma o remedio, que só tem, que he a morte, por isso he pena gostosa, que a alma deseja que cresça até matar; mas porque o não acaba de fazer por isso he só que atormenta.

513 E succede muitas vezes só de hũa palavra de que tarda a morte, ou outra semelhante, vir-lhe de repente aquella setta de fogo penetrante, e feri-la no intimo d'alma como hum rayo, que passa em hum instante, e deixa feito em cinza tudo quanto de terra acha na creatura, e a alma ficar transportada em abstracção de sentidos, e potencias, sem liberdade para nada, excepto para o que lhe possa fazer esta dor mais crescida, que para isto ficão mui vivas; porque o entendimento o está para entender a razão, que he para sentir o estar a alma ausente de Deos, e o mesmo Deos ajuda a isto com hũa taõ viva noticia de si naquelle tempo, que faz crescer a pena em tal maneira que a creatura muitas vezes rompe em gritos; e não pôde ser por menos, porque não he sentimento no corpo, se não no intimo d'alma, que he muito mais forte; do qual diz de si S. Theresa, (*Mor. 6. c. 11.*) que quando o tinha se lhe representava ser desta forte o que se padece no Purgatorio, que ainda que não tem corpo padecem muito mais do que podem padecer no mundo com elle. Mas ainda que o corpo aqui não sente; fica taõ desconjuntado, e os pulsos taõ abertos, que em algũs dias nada pôde fazer com dores.

514 E com ser taõ grande esta pena, e tormento,

diz a S. Madre que tudo he pouco para o que o Senhor lhe dá depois, e que he bem que custe muito o que he, e vale muito. E que como he para purificar a alma para entrar aonde se celebra o divino matrimonio, (como os que hão de entrar no Ceo, que primeiro se depurão no Purgatorio) he taõ pouco este padecer à vista daquelle gozar, como he a respeito do mar huma gotta de agua. E todo este tormento, e afflicção, que não póde fer maior, sente a alma que he de tanta estimação, que ainda que em nada a alivía, a sofre de boa vontade, e sofreria toda a vida, se fosse vontade do Senhor, ainda que com ella não viviria, mas estaria sempre morrendo, que isto he que he verdadeiramente esta pena. Mas este rigor não dura muito tempo, se chegar a quatro horas será muito; porque se durasse mais seria impossivel viver sem milagre.

515 Mas estes trabalhos fortalecem tanto a alma, que a deixão sem medo para sofrer todos os do mundo; porque todos á vista destes parecem nada. Com elles fica a alma com maior desprezo do mundo, e dezapego das creaturas, porque vê que nada se não o Creador lhe póde faciar os desejos; por isso por amor deste só quer padecer, e neile empregar todo o amor, e por elle lhe he gostosa aquella pena de forte, que a alma se vê em dous perigos de morte sem morrer como queria, hum a pena, outro o gozo; que ás vezes he taõ grande, que parece não falta nada á alma para sahir do corpo; e na verdade isso lhe seria grande dita. Pois se neste tempo o Amado se retira, como muitas vezes succede; lhe nega os favores, e consolações passadas, aqui he que cresce o tormento sem remedio; aqui são as tristezas, e os temores se lhe terá dado causa para o retiro; discorre húa, e muitas vezes pelos secretos da sua consciencia, e se conhecesse em si algum defeito desejaria despedaçar-se a golpes em castigo de tanta ingratição.

516 Com este desamparo vendo-se a alma como em sua miseria se humilha, clama a Deos, e se afflige vendo o seu nada. Considera-se pobre dos favores divinos, deixada de Deos, e nada a consola, pois carece do seu Amado.

Amado. Mas como tem no coração o seu amor, interiormente se abraza, geme sem consolação, e padece hũa doença interior, e pena incomparavel. E desta sorte se vai mais accendendo o coração no amor de Deos, e a vontade se abraza em ancias de o gozar, com o que se vai cada vez mais aperfeiçoando o mesmo amor, e a alma pondo-se deiforme, consumindo-se toda a escoria de seus affectos, e habilitando-se para as altissimas illustrações, virtudes, dons, e favores do divino matrimonio, que he para que o Divino Esposo a dispõe com esta penosa purgação.

517 Esta purgação do fogo, ou do amor começa no estado dos divinos desposorios, e continúa interpolada com favores, e cõmunições divinas até o espiritual matrimonio: mas ainda que aqui acaba; como Deos sempre he mais e mais cõmunicavel, e ainda no estado do matrimonio vai concedendo á alma favores cada vez mais sublimes, continuamente a vai purgando, e dispondo para elles; (que este he o modo de Deos dispôr, e prevenir com trabalhos para os gostos) mas como o amor, com que no estado do matrimonio a purga, e dispõe, não tem nenhum affecto penoso, por isso não se chama purgativo como este, que causa grande pena, o qual purga n'alma todo o terreno, e a deixa como divinizada, para que não viva já ella, mas só viva nella Jesus Christo. Mas nem por isso se deve dar por segura, nem se verá de todo livre de tentações; porque em quanto vivemos neste carcere da mortalidade não podemos viver sem guerra, e inimigos; e por mais elevados que estejamos na santidade podemos cahir, como cahirão muitos com quèda tanto mais lastimosa, quanto de mais alto a derão.

518 por isso ainda que algũas vezes se veja sem tentações, não se fie em que as não tornará a ter; nem quando se vir nellas se desanime, ou desconfole parecendo-lhe que já neste estado as não devia ter. pois nelle dizia de si S. Theresa (*cam. de perf. c. 38.*) que hũas vezes se achava com inteiro desapego da vontade, e outras tão apegada em couzas, de que no dia d'antes zombava,

que quasi se não conhecia ; hũas vezes tinha muito animo para obrar tudo por Deos , outras nem o tinha para matar hũa formiga por elle , se nisso achasse contradicção ; hũas gostava de ser murmurada , e perseguida , outras hũa só palavra a affligia , e queria hir-se do mundo por não soffrer tanto. O mesmo diz ella sabia de outras muitas pessoas. Mas adverte a mesma Santa , (*cap. 37.*) que ainda que as almas neste estado por força das tentações caião em alguns defeitos , nunca terão o de não perdoar logo a quem as injuriou ; e que se virem que não ficão bem , e com amor á tal creatura , mas antes com desafeição , e sentimento , temão , e não creião que são de Deos os favores , que tem recebido.

CAPITULO IX.

Do Matrimonio divino.

519 **A** Excellencia deste espiritual *Matrimonio* de clara S. João da Cruz em varias partes , principalmente na Canção 28. do seu admiravel cantico aonde diz que nelle se transforma em certo modo a alma com o Amado pela consumada união do amor ; e que a alma fica divina , e feita Deos por participação quanto he possivel na vida mortal ; pois assim como na consumação do matrimonio carnal se fazem os dous em hũa só carne , assim neste espiritual matrimonio entre Deos , e a creatura se juntão , e unem duas naturezas em hum só espirito , e amor ; e assim como a luz do fogo posta ao Sol se mistura com a luz delle , e já não luz o fogo , mas o Sol , o qual embebe em si todas as luzes , assim a pequenez do espirito humano metido no immenso pelago de luz da Divindade já não apparece nada do que era , porque esta o absorbe , e transforma na sua mesma luz , e tudo parece Deos , e nada creatura.

520 Faz-se pois neste espiritual matrimonio hũa tal conjunção de ambas as naturezas ; e tal comunicação da divina com a humana , que sem algũa mutação de hũa nem outra

outra qualquer dellas parece Deos; porque supposto isto não seja, nem possa ser perfeitamente na vida presente, excede com tudo quanto se póde dizer, e imaginar; pois como aqui já a alma goza húa certa especie de bemaventurança, como a do ceo, já á proporção vive semelhante a Deos, e transformada na sua Divindade; e como já não he ella a que vive, mas só vive nella Jesus Christo, tambem vive vida de Deos, e góza do seu mesmo gózo, e gloria na substancia d'alma nelle transformada. Da mesma sorte fallão os Mysticos, que tratão deste felicissimo estado, principalmente S. Theresa, a quem devemos seguir, porque falla por sciencia, e experiencia propria.

521 Vendo pois o Esposo as ancias, com que a alma suspira por elle, e lhe pede a leve a pós de si, para correr ao cheiro dos seus suaves unguentos, purgada já perfeitamente do amor da concupiscencia, e attrahida só pelo da amicicia, com que deseja prendello para nunca mais o largar athe o introduzir ao desejado leito-de flores, a chama com vozes amorosas depois dos rigores do inverno, e horriveis tempestades das passadas purgações para o suave recreio da alegre primavera, e de hum tempo sereno, e de colheita, em que se celebra o desejado matrimonio. Para o que a introduz primeiro ao seu divino Palacio, que he aquella cela vinária aonde ordena nella a caridade, como ornato proximo, e disposição immediata para entrar ás bodas do Cordeiro.

522 Esta introdução, e disposição immediata declara á Santa Madre (*Mor.7. C.1.*) desta maneira. „ Pois quando „ Sua Magestade he servido fazer-lhe a merce deste divino „ matrimonio, primeiro a mete na sua morada, e quer „ Sua Magestade que não seja como outras vezes, que a „ tem metido nestes arrobamentos; . . . pois ainda q' en- „ tão a une consigo, não he chamada para entrar no seu „ centro, como aqui, mas só á parte superior, e então „ nenhúa cousa entende, que as potencias todas se per- „ dem. Aqui porém he de outra maneira; quer já o nosso „ bom Deos tirar-lhe as escamas do olhos, e que veja, e „ entenda algũa cousa da merce, que lhe faz; ainda que „ he

„ he por hum modo estranho: e metida naquella morada
 „ por visão intellectual, por certa maneira de representa-
 „ ção da verdade se lhe mostra a Santissima Trindade, e
 „ todas as tres Pessoas com húa inflamação, que primeiro
 „ vem a seu espirito ao modo de húa nuvem de grandissi-
 „ ma claridade, e se lhe dá húa noticia admiravel da ver-
 „ dade deste mysterio. . . . Aqui se lhe cõmunicação todas as
 „ tres Pessoas, e lhe fallão, e lhe dão a entender aquellas pa-
 „ lavras, que disse o Senhor, que todas tres virião a mo-
 „ rar n'alma, que o ama, e guarda os seus mandamen-
 „ tos. . . . Parece que quer aqui a divina Magestade dif-
 „ por a alma para mais com esta admiravel companhia.

523 Donde se vé que ainda nesta visão intellectual da Santissima Trindade não consiste o matrimonio divino, se não que ella he como húa disposição prévia, e hum como ornato indispensavelmente necessario para que a alma se faça capaz de tão divina merce; pois como diz a mesma Santa, fica habitualmente sempre esta presença, e companhia das tres Divinas Pessoas lá no mais interior, e fundo d'alma; mas não tão claramente como quando se lhe representa actualmente a primeira vez, ou outras, que Deos lhe quizer fazer esta graça; mas ainda, que não he com tanta luz, sempre fica habitualmente com esta divina companhia, e quando adverte se acha experimentalmente com ella tão certamente como se húa pessoa estivesse em húa casa com outras, e se ferrassem as janellas, e ficassem ás escuras, que nem por isso ainda que as não vé, deixa de conhecer que estão ali.

524 Esta presença, e companhia das tres Divinas Pessoas, que a alma sente actualmente, e que habitualmente fica percebendo, digo eu que he hum certo gráo de união, com que Deos como que introduzio a alma ao seu Palacio, e ahi a dispõe, e ordena nella a caridade, para que com este ornato seja digna de entrar ao gozo do Senhor, e ao alto gráo de união do matrimonio divino, ainda maior que o precedente: assim como o Rey Assuero primeiro de introduzir ao seu leito as donzellas, que escolhia por esposas, as admittia dentro do palacio, e ahi as mandava dis-
 por

por com varios unguentos aromaticos , e orná-las com joias preciosissimas por espaço de hum anno , e só depois disto erão admittidas ao seu thalamo.

525 O modo pois comque a mesma Santa diz que se celebra o espirital matrimonio he este. (*ibi c. 2.*) A primeira vez , que Deos faz esta merce , se mostra Jesus Christo á alma por visão imaginaria da sua sacratissima humanidade , paraque ella o entenda , e conheça bem , e não esteja ignorante de que recebe tão grande dom ; o que diz a Santa que assim lhe succedeu a ella , (mas a outras póde ser de outra forte) e que lhe disse que já era tempo de que ella tomasse as cousas delle por suas , e elle tomaria conta das della , e outras palavras , que são mais para sentir , que para dizer ; mas ainda aqui não he a união do matrimonio ; porque esta passa secretamente no centro d'alma , e este apparecimento da humanidade do Senhor foi por meio dos sentidos , e potencias ; mas o que passa na união do matrimonio espirital he mui differente. Porque nesta apparece o Senhor no centro d'alma não em visão imaginaria , mas em intellectual , e mais delicada do que as antecedentes , como appareceu aos Apostolos sem entrar pela porta , e lhes disse : *Pax vobis.*

526 E he tão subida esta merce , e tão grande o deleite , que ali recebe a alma , que parece quer Deos naquelle instante mostrar-lhe por modo mais subido a gloria , que ha no ceo ; e do modo que se póde entender , fica o espirito húa mesma cousa com Deos , pois de tal sorte se quiz juntar com a creatura , que assim como os que já se não podem apartar , não quizera elle apartar-se della. Porém este matrimonio só se contuma perfeitamente no ceo , aonde a alma se junta , e une total , e perfeitamente com Deos em inseparavel conforcio , e vinculo indissoluvél ; e por isso como nesta vida ainda se póde dissolver esta união , supposto que com difficuldade , he este matrimonio com Deos , como o matrimonio rato entre as creaturas , que ainda se póde dissolver em alguns casos , mas raros , e com difficuldade : mas em quanto elle dura visita o Senhor a sua esposa muitas vezes , não manifestando-lhe claramente a sua

a sua face, mas comunicando-lhe as doçuras da sua divina presença com especial contacto: isto se entende actualmente algúas vezes além daquella presença habitual, que dissemos lhe fica de toda a Santíssima Trindade.

527 E a razão deste matrimonio he porque como pela graça, e caridade, se constitue hũa especial, e perfeitíssima amizade entre Deos, e a creatura, e a amizade pede de si união entre os amantes não só por conformidade de affectos, mas tambem por inseparavel presença quanto for possível, por isso, e por esta espiritual amizade se deixa Deos sentir da esposa intimamente presente, e a constitue sua amiga, e elle della por esta real existencia no centro d'alma. Donde se vê que este matrimonio espiritual não consiste só na união real, com que a graça une a alma com Deos; mas além desta requer huma especial união de Deos ao entendimento, e vontade; o que se faz por illapso de Deos nestas potencias; não conhecido *intuitivè*, mas só *experimentalitèr* por indicios; porque ainda he *in caligine*, e na escuridade da fé: pois como aquella união real por graça he commua a todos os justos, não pôde nella consistir a especial do matrimonio, que Deos só contráhe com as almas perfeitissimas, e assim só consiste no dito illapso.

528 E este illapso se faz desta maneira. Depois que a alma pela graça, e especial presença de Deos está como deificada, e semelhante a elle pella participação da natureza divina, a mesma graça pelos habitos infusos das virtudes, que della dimanão, aperfeição as potencias para que fação seus actos perfeitos, especialmente o conhecimento, e amor, donde os mais tomão o valor, e a perfeição; e quanto mais a graça cresce, se augmenta, e se radica n'alma, tanto mais crescem o conhecimento, e o amor; e assim quando o amor chega ao oitavo gráo, que logo diremos, em que faz prender indissolubelmente a alma com Deos, então se celebra o matrimonio espiritual; porque como diz S. Thomás, o que aperta prende; o que prende toca; o que toca não está longe; mas com hum modo maravilhoso arrebatado, e he arrebatado; prende, e he preso, aperta, e he apertado; e hum, e outro se assoção em vinculo de amor;

amor; porque o amor he vinculo, ou união do amante com o amado: e este une de tal sorte a alma com Deos, que ainda que ella não attenda a elle actualmente, sempre sente a sua presença no centro d'alma ou coma, ou beba, ou faça obras de virtude; porque este amor quanto he da parte de Deos he indissolúvel, e só he amissível da parte da creatura por defeito; pois ainda não he matrimonio consumado, mas póde dissolver-se por culpa da creatura.

529 Consiste pois o matrimonio espirital na real, e experimental união, que se faz por illapso de Deos no centro d'alma, e nas suas potencias entendimento, e vontade pelo modo dito, não por modo de acto transeunte, como nos esponsaes, mas permanente por modo de habito; porque he união de sua natureza perpetua, estável, e permanente, que une os contrahentes não só por affecto, mas realmente; e por isso assim como no matrimonio corporal se dá maior união do que nos esponsaes, assim no espirital. Donde se devem notar tres differenças, que ha entre o desposorio, e o espirital matrimonio. A primeira differença he que no desposorio, ao menos no tempo em que se celebra, se absorvem todas as operações das potencias, e fica a alma cega, e muda, e privada de todo o sentido, e por isso não póde discernir, nem conhecer a grandeza desta graça, de que goza: mas no matrimonio abre-lhe Deos os olhos para que de algũa sorte conheça a graça, que então lhe communica, e se lhe representão as Pelloas da Santissima Trindade com visão intellectual, que tratão familiarmente com ella, e a enchem de muitos dons, e graças.

530 A segunda differença he que todas as graças, e favores, que Deos comunica á alma no desposorio, as recebe por meio dos sentidos, e potencias; mas a união do matrimonio faz-se no centro d'alma, em que se manifesta Deos com visão intellectual muito mais sublime do que em outro qualquer gráo de união. A terceira differença he que na união do matrimonio além do excessivo gozo, que recebe a alma, fica como transformada

em Deos, e quasi inseparavel delle; mas no desposorio não succede o mesmo, pois ahi não sente a alma a continua presença de Deos, porque elle se esconde muitas vezes, porque o desposorio não une *inseparabiliter* como o matrimonio.

531 A differença da união entre o desposorio, e matrimonio se explica com este exemplo de S. Theresa. (*Mor.* 7. c. 2.) A união do desposorio he como se duas velas se unão tão apertadamente, q̄ accensas ambas fação húa só luz, e húa só chama, mas não estão tão unidas que se não possam separar, e ficar duas como d'antes; mas o matrimonio se póde comparar com a agua, que chove sobre hum rio, que de ambas se faz húa só, e já se não podem separar; ou com a luz de duas janellas que se ajunta na mesma casa, que ainda que na entrada são duas, dentro ficão sendo húa só. Ou tambem com o fogo, que arde no madeiro, que em quanto o não faz em braza se vê que são dous fogo, e madeiro, ainda que unidos hum ao outro; e assim he o desposorio: mas feito o madeiro em braza fica tão transformado em fogo, e o fogo nelle que parecem húa só coufa; e tal he a união do matrimonio.

532 Neste gráo de matrimonio não se experimentão as seccuras, trevas, e turbações interiores, que em outros grãos. Aqui fica a alma pacifica, sempre descansada, sempre em silencio, e sem estrepito, e percebe o que Deos nella obra suavemente; porque, como dissemos, não ficão as potencias sopítas, mas só atonitas, e admiradas. Tambem neste gráo ordinariamente se tirão d'alma os raptos, e extasis, que dantes tinha com frequencia, em quanto aos effeitos exteriores, que são suspensão dos sentidos, carencia de calor natural, e quebrantamento do corpo; nem sente voar o espirito como dantes, ainda que tenha grandes motivos de devoção, mas só se recolhe dentro de si no intimo do seu centro para gozar do Esposo, que ahi habita, e de tal sorte se roborá, e firma, que perde todas as debilidades, que antes padecia nos extasis, raptos, e vô-os do espirito,
ainda

ainda que conserva tudo o que nelles era sem imperfeição. Aqui declara o Senhor á sua esposa admiraveis segredos dos seus mysterios ; porque o mutuo amor não permite segredo ; enche-a de dons preciosissimos , e se faz mutua entrega das vontades , para que de dous se faça hum só espirito.

533 S. João da Cruz (*Noite I. 2. c. 19., e 20.*) depois de S. Bernardo , e S. Thomaz declara dez grãos , ou degrãos da escada do amor , e caridade por onde se lóbe a Deos , e á perfeição do espiritual matrimonio. O primeiro he em que a caridade faz adoecer a alma de amor. O segundo he em que o amor a faz procurar incessantemente ao Esposo. O terceiro he em que a faz obrar continuamente , e tudo lhe parece pouco em obsequio do Amado. O quarto he em que a faz sofrer sem fatigar-se tolerando com gosto , e alegria por amor do Esposo todas quantas fadigas , trabalhos , dores , e perseguições lhe permittir. O quinto he em que a faz appetecer impacientemente a Deos. O sexto he em que a faz correr velozmente para o Amado. O setimo he em que a faz atrever-se com vehemencia , e confiança para recorrer ao Senhor , e lhe presentar com instancia as suas supplicas certa , e segura dos seus favores.

534 O oitavo grão he em que o amor faz prender a alma indissolvelmente com o Esposo , o que já he matrimonio , porque todos os mais grãos são em distancia , mas este já he em presença , e com estreito vinculo de união. O nono he em que a faz arder suavemente pela força do mesmo amor , com que se aperta com o Esposo. Advirto aqui que quando S. João da Cruz diz , que este nono grão de amor he dos perfeitos , quer dizer , que he , dos que chegam ao perfeito , e consumado amor com Deos nesta vida , o qual só he depois que a alma por se ver unida , e enlaçada com Deos no suave matrimonio toda se abraza , e arde nas chamas daquelle divino incendio : e não quer dizer o Santo que este grão he dos que estão no estado de perfeitos , ou via unitiva ; porque neste sentido não só este , mas os mais dos referidos grãos

de amor são dos perfeitos, como se colhe do que delles, e por todo este Rosumo fica dito. O decimo gráo he em que o amor faz assimillar a alma totalmente com Deos; o qual ainda que o mesmo Santo diz que já não he desta vida, pela clara visão, a que elle a conduz, se entende completa, e permanentemente; porque *inchoativè*, e *transseuntèr* ainda na vida o conseguem algúas almas, perfectissimas.

535 A união habitual, que no matrimonio se tem, não he outra cousa se não a graça habitual perfectissima muito radicada n'alma, e dada *per modum permanentis*, mediante a qual, a alma se transfórma em Deos quanto pede a medida da mesma graça, que Deos lhe concede; e esta he a graça que faz aos homens deiformes, e mais que homens, porque já toda a tua conversação he no Ceo. A esta graça habitual tão radicada se segue húa certa união actual especial, em quanto as potencias d'alma, quanto pede o estado da vida presente, se unem com Deos; o entendimento por hum conhecimento quasi continuo, e como evidente, e a vontade por amor não só de desejo, mas de algúa sorte de saciedade, e fruição. E desta união actual fruiçtiva resulta outra habitual, que se chama assim; porque com ella fica a vontade sigilada habitualmente para desprezar tudo o mais; e ainda que lhe seja necessario occupar-se em outras cousas por obediencia, ou caridade, ou obrigação de ministerio, com tudo, como se sente ordinariamente attrahida para aquelle summo bem, que antes gozava, e ainda espera, e deseja gozar, por isso se chama união habitual, ou por modo de habito.

536 E ainda que a alma nesta união habitual não tenha tão perfeita doçura, nem tão completo gosto, ou tão firme sossego dos sentidos; porque não goza do mesmo acto da união, com tudo como persiste neste estado, e goza de húa certa deleitação, suavidade, e tranquillidade, por isso dissemos que esta segunda união habitual he o estado do matrimonio, que na união actual fruiçtiva se contrahio. Por esta união habitual fica húa doce memoria.

moria da passada união actual, e hũa esperança de a tornar a conseguir muitas vezes; e dimanão della no entendimento hũas certas vivas imagens mui expressivas das cousas celestiaes, que então se lhe objectáraõ, que ainda que as não póde bem declarar, servem muito á alma para a perfeita contemplação dellas, ainda que abstractiva. Neste estado do matrimonio divino he a alma levada ao paraizo espiritual, ou ao terceiro Ceo como S. Paulo; porque ali se lhe cõmunica á porporção como no Ceo hũa certa luz, e claridade superior, com que vê a Deos no centro d'alma, e o goza com admiravel suavidade, e percebe outros celestiaes arcanos.

537 Com esta união habitual, com que Deos une apertadamente a alma consigo não só segundo a essência, mas também segundo as potencias por modo de habito, e permanentemente, com a mesma une também consigo muitas vezes actualmente as mesmas potencias com especial illuminação: ou para melhor dizer, todas as vezes, que as potencias se retrahem das cousas exteriores, e attendem ao interior, logo gozaõ actualmente da lociedade das tres Divinas Pessoas, que lhes cõmunicação suavissimos effeitos. E quando esta união actual se acha juntamente com a habitual não causa raptõ, nem alienação dos sentidos, como a união actual fructiva, que se dá antes da habitual, e como a dos desposorios, nem impede a alma o attender para as cousas exteriores, e interiores; antes a deixa mais expedita para todas as acções de virtude tanto interiores, como exteriores de todas as potencias, e sentidos; porque neste estado lhe cõmunica Deos o conhecimento de seus divinos segredos por idéas internas, e conceitos ao modo dos Anjos dentro do acto da fé, o qual conhecimento não impede as operações externas, antes faz a creatura mais habil como illuminada pela parte superior.

538 Mas he de saber que esta união actual nunca se concede continua, e sem interrupção; porque como ainda os justos caem muitas vezes no dia em defeitos, e culpas veniaes, & a união actual com Deos; não póde estar

tar com peccado ainda venial, por isso ainda que tenham continua a habitual, muitas vezes se lhes interrompe a actual. E tambem porque se fosse ininterrupta, e permanente essa união seria a alma já perfeitamente bemaventurada na via; porque a bemaventurança consiste na perpetua conjuncção com o bem increado, o que só na Patria se concede. Mas ainda que nesta vida se não possa dar esta continua, e perpetua união, e por conseguinte nem bemaventurança completa, póde com tudo dar-se algũa participação da dita bemaventurança, e tanto maior quanto a operação for mais continua, e mais hũa. Por isso na vida contemplativa, que só se occupa á cerca he hũa cousa, que he a contemplação da verdade, he maior a razão da bemaventurança do que na activa, que se occupa em muitas cousas. Porém nas almas perfeitissimas, e com auxilios extraordinarios póde a alma na contemplação durar em hum simplicissimo intuito, e suspensão amorosa por algũas horas, e neste sentido se devem entender os que dizem que se póde dar contemplação continua.

539 O summo gráo de contemplação, que he ver a Deos por effencia, não compete ao homem *permanentemente* na vida mortal; mas com tudo no rapto *per modum transientis* póde succeder, e de facto a alguns Santos tem Deos concedido este supremo gráo de visão intuitiva, como foi a Moysés, a S. Paulo, e a alguns mais; e a Maria Santissima algũas vezes por muitas horas continuas. (*Mystic. Cid. P. 2. n. 14. , 71. , e seg.*) Nem tambem foi continuo o gráo de união affectiva, ainda nos privilegiados, porque este gráo não se dá, se não quando o coração sempre actualmente se emprega em Deos; e esta perfeição de amor he propria da caridade da Patria, que não he possivel na vida presente; só alguns tem della mais, outros menos. A Virgem Senhora a teve no summo gráo possivel na via.

540 Neste estado de matrimonio communica Deos ás almas alguns privilegios, que concedeu a Adam no estado da innocencia. Hum, e singularissimo, oi que era movido por Deos nas suas operações tanto da vida activa, como

como da contemplativa, e assim o são as taes almas, porque vivem transformadas em Deos, e já não vivem em si, mas vive Jesus Christo nellas. E assim como Adam no estado da innocencia podia exercitar hũa, e outra via activa, e contemplativa ao mesmo tempo, assim pódem as almas neste estado. Aqui andão altíssimamente juntas Marta, e Maria sem ter de que se queixar hũa da outra, porque uniformes, e concordes acodem ao que he necessario, porque o Senhor com seu poder as quiz unir. Parece que tem a alma guardado hum retrete para si, e para Deos, donde nenhũa occupação a tira de estar com elle; assim como os Anjos, que nos guardão, que nem por isso faltão á visão clara de Deos.

541 Neste feliz estado he que propriamente a alma se chama templo, altar, e reino de Deos. Nesta união actual junta com a habitual consiste a felicidade inchoada, e a bemaventurança desta vida, porque he o supremo gráo de perfeição, e aqui se verifica aquelle mandato do Senhor: *Estote perfecti, sicut Pater vester cœlestis perfectus est*; isto he por imitação das virtudes do animo purgado, de que Deos he exemplar, para imitarmos, quaes são as heroicas, que deixamos explicadas, as quaes só são proprias dos bemaventurados na Patria, e de algúas almas perfectíssimas na via. Donde diz S. João da Cruz (*Llama Cant. 2. y. 6.*) q̄ quando a alma chega a esta união com Deos todos os seus effeitos, potencias, e operações de sua natureza imperfeitas se fazem como divinas; e como pela transformação elle he o que dirige a alma, já ella vive vida de de Deos, e se mudou a sua morte em vida, e as suas operações se mudarão em movimentos de Deos.

542 Mas he de advertir que ainda que os perfectos contemplativos estejam neste tão alto gráo de perfeição, e tão transformados em Deos, nem por isso estão isentos das paixões, que perturbão o entendimento no conhecimento, e a vontade no amor; porque paixões d'alma são o mesmo que affectos, ou propensões do sensitivo, que pertencem á parte appetitiva, e de si, e de sua natureza não são más, se não quando são contra a razão, ou fóra della, e sendo

impe-

imperadas, ou não prohibidas pela vontade superior; e tambem porque são materia de exercitar as virtudes oppostas aos vicios, a que ellas incitão. Porém os justos contemplativos em summo grão communmente já não sentem as paixões em quanto são perturbativas dos actos da razão, e induzem a peccado mortal; porque da união affectiva da caridade nasce a paz, e o seu effeito, ainda que não tão perfeita como na Patria; e como a paz consiste na conformidade do appetite com a razão, desorte que esta se não aparte de si, nem de Deos, nem do amor do proximo, por isso então os justos não sentem as taes paixões. Disse: *communmente*; porque assim como os justos peccão venialmente, tambem podem peccar mortalmente, e ainda que estejam livres das paixões, não estão livres das tentações, em que podem cahir.

543 Tambem lhes fica ainda neste estado o *fomes peccati*, e os motos *primo primos*, e o *secundo primos* que delle nascem; por isso S. Paulo sentia em seus membros húa ley, que repugnava á ley do seu entendimento; e em todos a carne deseja contra o espirito, e este contra ella. Só em Maria Santissima não ouve este fomes, e pugna das partes superior, e inferior, porque não teve peccado original, nem actual; nem tambem Adam no estado da innocencia o tinha, porque foi effeito da primeira culpa. Os perfeitos contemplativos ainda que não podem viver ordinariamente sem peccados veniaes por descuido, e inadvertencia, porque nenhum por mais justo, contemplativo, e amado de Deos que seja, depois do peccado de Adam tem vivido sem elles, nem pôde evitá-los se não com especial privilegio, e graça de Deos, como he de fé o teve Maria Santissima; podem com tudo evitar os veniaes por advertencia, e propria malicia. Advirto que para que hum seja, e se chame propriamente varão contemplativo não basta que húa ou outra vez contemple, mas he necessario que dedique toda a sua vida á contemplação.

544 Advirto ultimamente que os sobreditos effeitos da intima união com Deos, e matrimonio divino não estão sempre em hum ser; porque como disse, algúas vezes

deixa

deixa Deos a creatura em seu natural; e então parece se levantão contra ella todos os vicios, e paixões com maior força, aindaque ordinariamente he por pouco tempo; raras vezes passará de hum dia: e nesta grande tormenta, que de ordinario procede de algũa occasião, ou causa, que lhe deu, conhece a alma a paz, que possui quando não está nesta guerra, e quanto deve a Deos na grande mercede, que lhe faz, e o louva por isso. Nem por estas almas estarem tão resolutas a não commetterem hũa imperfeição deixão de cahir em muitas, e ainda em peccados veniaes, que dos mortaes, ainda que não estão seguras, ordinariamente as livra o Senhor. E estas imperfeições, e venialidades são as sete quedas, que se diz na Escriptura dá o justo, e se levanta; porque neste estado he que a alma propriamente se chama justa; pois tem chegado ao estado da perfeição dos justos, que he a virtude heroica.

CAPITULO X.

Da especial união d'algũas almas perfeitissimas com Jesus Christo no Santissimo Sacramento da Eucharistia.

545 **H**E Sentença de muitos Mysticos com S. Boaventura, (*Itiner. 6. etern. d. 6. e 7.*) e o ensina a experiencia que se dá hũa especial união entre algũas almas perfeitissimas, e Jesus Christo Sacramentado quando o recebem, e tem em seu peito comunicando-se-lhes ao corpo, á alma, e suas potencias por hum modo admiravel. Esta união não he só a com que as almas se unem com Christo, e se fazem moralmente hũa mesma cousa com elle por affecto de caridade, que esta he commũa a todo o Christão, que o receber dignamente mais, ou menos forte segundo a maior, ou menor graça, e disposição do sujeito: mas he hũa união real, immediata, e fructiva com Christo no Sacramento como a do matrimonio espiritual com Deos; a qual só se concede ás almas perfeitissimas, que amão, e desejan ardentissimamente aquelle divino sustento: mas não se segue daqui

Qq

que

que a dita união seja só concedida ás almas no estado do matrimonio ; pois assim como a união com Deos tem os tres grãos , que em seu lugar deixamos explicados , assim nesta póde Jesus Christo cõmunicar-se mais , ou menos , como for servido , ou conforme a disposição , que achar n'alma. E assim hũas vezes ferá esta união comparada á das vistas dos Esposos , outras á dos desposorios divinos , outras á do espirital matrimonio.

546 Esta união não he outra cousa mais que a intima manifestação da presença de Christo , que está oculto no divino Sacramento , não tanto por visão , ou revelação , como por abraços dulcissimos , com que aperta a alma tão suave , e inefavelmente , que ella percebe certissimamente a sua real presença , e os seus doces osculos , e abraços : e para fallar em termos proprios , o conhecimento vital , e gosto do mesmo Christo , que existe no Sacramento , pelo qual conhecimento , ou divinissimo contacto se percebe realmente a sua amavel presença , se gosta a sua bondade , e doçura na fonte ; e esta he a verdadeira união , e noticia experimental do mesmo Christo não só por affecto , mas por hum oculto contacto , e união immediata , e real d'alma com Christo.

547 E por isso assim como a união fructiva , e extatica d'alma com Deos he hum certo illapso , e manifestação da parte de Deos , com o qual elle se infunde n'alma unindo-se intimamente com o entendimento em razão de luz summa , e com a vontade em razão de summo bem , e summamente delectavel , o qual illapso se chama osculo , ou abraço de Deos , ou manifestação da sua face , e da parte d'alma he a percepção experimental deste Divino objecto por todos os sentidos internos , á qual união experimental se segue a transformação , ou liquefacção d'alma , á liquefacção se segue o extasis , ou deliquio , e a este a absorbição de Deos : assim a união real de Christo no Sacramento , que algũas vezes succede ás almas purissimas , que o recebem , não he outra cousa se não hum illapso , ou manifestação do mesmo Christo , que existe actualmente no Sacramento , o qual assim se mostra
ás

ás almas perfeitissimas, e muito purgadas debaixo da razão de summa luz, e summo bem, que chega com hum divinissimo, e inefavel contacto, não só á carne, mas tambem ao espirito.

548 Porèm este contacto, e união não consiste só em que Christo por intimo affecto, e por modo de sustento obre dentro de nós, como algũs julgárão; porque esta união he só moral, e por nenhuma razão se póde dizer real; porque então só pela fé se cré, e conhece presente; mas consiste da parte de Christo no suavissimo, e real amplexo, e osculo dulcissimo, que o mesmo Senhor dá á sua amada espoza, que anciosamente o ama; e dezeja; e da parte d'alma consiste na mutua, e reciproca união, ou abraço, á qual se segue a experimental, e dulcissima percepção do mesmo Christo, pela qual goza de hũa espiritual doçura no mesmo Deos: porque estas almas purissimas não sentem só a união por fé, e por affecto, mas real, e consumada com o amplexo do mesmo Christo.

549 Esta união real d'alma com Christo na Eucharistia provão os Mysticos com muitos textos da Escriptura, authoridades dos Padres, e com razões, que nelles se podem ver. Neste conhecimento experimental de Christo o entendimento sente, e conhece vitalmente a presença do mesmo Senhor de tal forte, que não póde duvidar que está elle unido a seu espirito, ainda que o não vê clara, e intuitivamente, assim como ás escuras se perceberia o abraço, e osculo de outra pessoa, e se teria certeza da sua presença, ainda que se não via. Mas algũas vezes o mesmo clementissimo Senhor se deixa ver não só na escuridade da fé, mas tambem clara, e intuitivamente com visão não muito dissimilhante (quanto a isto) daquella com que os bemaventurados o vêm no Ceo; ainda que não com tanta plenitude de gloria, e clara visão da essencia divina.

550 Nesta visão se faz o entendimento tão certo da presença de Christo não só nas especies sacramentaes, mas tambem em estreita união com a alma, que

esta certeza lhe faz evacuar a fé deste mysterio por aquella brevissimo tempo da visão clara : e se fallarmos da vontade, he certo que ella no tempo deste illapso se abraça dulcissimamente com Christo immediatamente presente, e que gosta, e goza suavemente da sua amavel presença, e doce osculo; e por isso então está perfeitissimamente unida com Christo, e o ama, e sente, e goza perfeitissimamente. E assim como a bemaventurança Celestial consiste na manifestação, ou manifesta visão do mesmo Deos, e na união do entendimento, e vontade com elle, assim esta união, ou vital percepção de Christo, que se póde chamar bemaventurança inchoada, não he outra cousa senão a percepção, ou conhecimento vital de Christo existente no Sacramento, com que tanto o entendimento como a vontade tocão immediatamente o mesmo Christo, porque estas potencias são como dous braços, com que a alma se aperta, e une com elle.

551 E assim nesta suavissima união a alma ainda nesta vida arrebatada fóra de si pela violencia do amor adormece, e dorme com regalado somno, e pelo excesso do entendimento arrebatado fóra de si se absorvem todos os seus sentidos internos, e externos: mas esta felicissima presença do Esposo não dura senão em quanto senão consomem as especies Sacramentaes, e muitas vezes nem tanto. He rara a hora, e breve a mora, diz S. Bernardo. E de tal forte, e com modo tão maravilhoso se une Deos com as almas nesta Sacramental união, que attrahe, e transfórma em si todo o homem; de sorte que não se póde excogitar nesta vida união mais conjuncta, e transformação mais verdadeira, nem mais perfeita: e assim como o fogo de tal forte consome toda a materia do madeiro, que este já não parece madeiro se não fogo, e se faz hũa mesma cousa com elle, e perdida toda a similhaça de madeiro de tal forte se transfórma em fogo, que athé se chama fogo, e não madeiro; assim a alma neste divino contacto desfazendo-se toda de si se une com Christo, e se transfórma nellè com modo inefavel; de tal forte que por aquella brevissimo espaço illustrada
toda

toda com o divino esplendor de Jesu Christo, e totalmente affogueada com o seu amoroso amplexo parece que se fez, e converteu toda em Christo, e póde dizer verdadeiramente com o Apostolo: *Vivo eu já não eu; mas vive Christo em mim.*

552 Mas ainda que Christo, quanto he de si, está preparado para conceder liberalmente esta manifestação de si mesmo a todos os que se dispozerem dignamente para esta real união, e amplexo; com tudo são raros a quem a concede por falta de disposição; pois ainda que bebem todos os amigos, só os caríssimos se chegam a inebriar. (*Cant. 5.*) Ditosa a alma; que for introduzida a esta cela vinaria, que o Amado ordenará nella a caridade. Donde se conclue que sendo tanto o fervor da Caridade nesta morada de Christo, quasi nunca acontece esta fructiva união sem extasis, ou raptos; mas não se deve daqui inferir que sempre que a alma se eleva em extasis na recepção do Sacramento, se eleva a esta felicissima união; porque póde succeder o extasis sem ella, como muitas vezes succede aos principiantes por especial doçura, que algúas vezes recebem neste divinissimo sustento, e assim além do extasis se requer para a união a experimental percepção, e conhecimento de Christo, e do seu osculo, e vital amplexo.

553 Esta união assim real he só entre Christo, e a alma, e suas potencias; porque entre o nosso corpo, e o de Christo regularmente só se dá união moral mystica fundada d'algum modo no vinculo corporal, ou conjunção do corpo de Christo com a nossa carne por meio das especies Sacramentaes; porque nem se sente realmente o corpo de Christo, nem se vê com os olhos corporaes, ou intellectuaes, mas só com os da fé, nem regularmente se percebe presente com algum outro sentido; e sem algum tacto, ou percepção do sentido não se póde dar a dita união real entre o nosso corpo, e o de Christo. Mas ainda que regularmente se não dê, com tudo algúas vezes acontece por especial favor, e disposição de Deos dar-se esta união real não em todos os que digna-

dignamente comunhão, mas só naquelles, cujo entendimento se eleva por dignação divina para ella; porque nestes não só o seu espirito toca immediatamente o corpo de Christo, mas tambem a sua carne sente a presença do Senhor com inefavel contacto; porque ainda que o corpo de Christo no Sacramento seja insensível, e imperceptível, nestas occasiões por divina virtude toca, e he tocado, percebido immediatamente não só pelas almas perfectissimas, mas tambem pelos corpos, que ellas animão.

554 Esta união tanto do nosso espirito, como da nossa carne com o mesmo Christo, e sua carne he semelhante á que agora experimentão com elle no Ceo as almas separadas, e experimentarão tambem os corpos depois da resurreição. Pois assim como no Ceo se ha de unir Christo por modo inefavel com as almas dos bemaventurados, e estas se hão de transformar nelle de sorte que Christo viva nelles por união real, e elles em Christo; e o corpo do mesmo Christo se ha de unir á carne dos bemaventurados não por penetração, mas por hum doce amplexo, e osculo divino; assim da mesma sorte á proporção succede nesta vida a algũas almas muito purgadas; de sorte que não só Christo pelo modo dito, mas tambem a carne de Christo se une com os seus corpos, e na sua carne sentem a carne de Christo unida, e conglutinada realmente por modo inefavel; de sorte que depois que recebem o Sacramento tambem os seus corpos por dignação divina começam a perceber, e gozar os fructos da felicidade eterna. Deste contacto de Christo com a nossa carne se deriva nesta hũa virtude admiravel; porque fae de Christo tal virtude, que não só fára as almas, mas tambem os corpos, e os corrobora, e refórma, e lhes influe hũa admiravel fugeição ao espirito, e faz os seus membros armas de Justiça como dos corpos gloriosos; e elles começam a vestir as qualidades de Christo por imagem, e similhaça sua.

555 A união entre Christo, e os que dignamente o recebem he de quatro maneiras. A primeira he por affe-
to

cto de caridade, a qual he commua a todos os que o recebem dignamente, a qual differe daquella geral, com que os justos se unem com Deos por caridade, porque a geral respeita propriamente a Deos, e a Sacramental respeita a Christo existente realmente em nós neste Divino Sacramento excitando-nos o espirito para se unir estreitamente com o do mesmo Christo. A segunda he quando Christo se une tão immediatamente com a alma em real conjunção não só por affecto, mas tambem por effeito, que ella percebe suavissimamente a sua presença; o que nunca succede sem excesso do entendimento, ou extasis, e a pouquissimas, e muito santas almas. A terceira he quando não só as almas percebem a real presença de Christo por modo infayel na dita união, mas tambem elle se une com os corpos, e a nossa carne sente a carne de Christo por modo infayel. A quarta he quando Christo por meio das especies Sacramentaes se une com a carne dos que o recebem dignamente, a qual união mais se deve dizer moral, e Mystica, do que real.

CAPITULO XI.

Dos exercicios da Via Unitiva, ou estado de perfeitos, e da ordem, e modo de os prescrever o Director.

556 **N** Este estado se deve a alma recolher com Deos ao deserto do seu interior, aonde elle a chama; e a quer levar para ahi lhe fallar ao coração. E como começa a ter hum trato mais familiar com Deos, pois entra neste estado pelo sacrificio, que lhe faz, de si, e da sua alma no amigavel desposorio, deve guardar respeito, e fidelidade a hum tão amavel Eposo, e abstrahir-se de todo o comercio, e trato de creaturas, que não for ordenado á caridade, ou serviço do mesmo Senhor. Deve ter hua santa ambição de aproveitar, e não deixar perder hum instante do pouco, e precioso tempo, que lhe resta para viver neste mundo, trabalhando com incessante cuidado pelo occupar todo com Deos, ou com ministe-

ministerios, que conduzáo ao recto fim: ha de ser o seu divertimento com Deos, a sua conversação nos Ceos, a sua occupação as virtudes: ha de ser o seu viver Jesus Christo, e o morrer o seu lucro.

557 Quando o Director vir pelos sinais, que ficão insinuados, que a alma tem acabado a terrivel, e diuturna purgação do espirito, e a chama Deos ao feliz estado da união infusa, e desposorio divino, seja elle vigilante, e cuidadoso em ajudar a Deos, e á creatura capacitando-a do que Deos della pertende, que he tomar inteira posse do seu coração, e vontade, e uni-la comfigo intimamente, e toma-la por sua verdadeira esposa, para o que não deve ella já admittir reservas no coração, nem divisão na vontade; deve o seu amor ser intento, sincero, unico, e total para o Amado; e o cuidado, e emprego de sua alma, de suas potencias, e sentidos todo dirigido ao seu obsequio, e abstrahido de todo o creado: finalmente ha de ser já mais do Ceo, do que da terra; ou para melhor dizer toda daquelle, e nada desta, nem sua; porque se deve dispôr para entrar no palacio do Rey, e viver com elle em vinculo de amor; e quanto mais alta he a dignidade, a que vai ser sublimada, mais exactas devem ser as disposições, e mais cuidadoso o exercicio das virtudes, que são o dote, e o ornato, que nella ha de achar o Senhor para a admittir por esposa.

558 Quando o Senhor se dignar chama-la para mais alto, e admitti-la ao desposorio divino, faça o Director que ella quando estiver no estado activo em tudo obre conforme aos favores, que recebe de Deos, praticando as virtudes com diligencia, e fazendo quanto poder por adquiri-las no gráo heroico, que he a disposição para o futuro matrimonio. Nas visões, locuções, extasis, e mais favores divinos observe o que em seus respectivos lugares dissemos, principalmente aqui no capitulo quarto, sempre fazendo-a capacitar de que nelles não está a virtude, nem a perfeição, nem o merecimento, e que por isso mesmo que são favores a deixáo mais obrigada, e tanto mais quanto menos os merece, e por isso a devem
fazer

fazer mais confusa , e humilde , e não desvanecida , e satisfeita , porque não são prova de bondade nella , se não só no Senhor que lhos concede , e por isso deve mais temer a sua ingratição , e falta de correspondencia.

559 Admoeste-a que tema o engano , que póde haver , e que nada acredite , nem execute sem o prudente dictame da Obediencia , a quem deve dar fiel conta de tudo : que só estime as virtudes , e as occasiões de padecer pelo Senhor , e que as consolações , e gozos os deve renunciar da sua parte , e só espera-los na Patria aonde são completos , eternos , e sem perigo ; que ainda sendo verdadeiros os accete como taes com humildade , e como coufa da mão de Deos , beijando-a , respeitando-a , e attendendo mais a ella do que ao que della recebe ; e destes dons tome só os bons movimentos , e o que póde servir de proveito , e de incentivo para a virtude , não attendendo muito ao modo da communicação , nem á suavidade , que nella recebe , mas seguindo só os bons movimentos , sem se demorar no gozo sensível. Pelos effectos conhecerá o Director de que espirito procedem os favores , como está dito.

560 Na purgação do fogo , ou do amor quando o instrumento della for o mesmo amor , ou o mesmo fogo não deve o Director procurar-lhe lenitivos , ou meios , com que se diminua o ardor , e se mitigue a dor , ou cure a ferida , porque seria encontrar a vontade , e disposição do Senhor ; antes deve fazer da sua parte que o fogo se accenda mais activo ; que o amor levante lavareda athé o Ceo ; que a dor cresça athé as portas da morte ; e que a ferida se profunde no coração athé chegar a divisão d'alma , e do espirito : mas quando esta purgação se fizer por ausencia , e retiros do Amado , que muitas vezes aqui acontecem , como está dito , deve o Director haver-se com ella humana , e caritativamente animando-a , e confortando-a nesta custosissima ausencia , que ainda que não he por muito tempo , que não o sofre o amor do mesmo Senhor , com tudo he maior

tormento aqui hum instante da sua ausencia do que muitas horas nas outras purgações : certifique-a de que não tardará o Esposo se ella lhe souber ser fiel ; que não cesse de o chamar , e buscar por becos , e ruas da Cidade ao modo da Esposa Santa , que peça noticias delle ás guardas da Cidade , ás filhas de Jerusalém , que são os Anjos , e Santos do Ceo , e ás creaturas da terra ; e o Senhor premiará suas fadigas com a sua doce presença : e observe o mais , que nas purgações do sentido , e do espirito fica insinuado.

561 Aqui mais propriamente , e com mais diligencia se deve a alma desoccupar de toda a propriedade , apêgo , ou desejo da propria vontade tanto a respeito de conveniencias temporaes , como do espirito ; mas em hũa perfeita aniquilação de si mesma , e dos desejos do seu coração toda se deixe nas mãos , e disposição do Senhor , para que elle obre nella o que for de seu divino beneplacito sem achar óbice , ou embaraço na creatura ás obras da sua providencia , que obra com sabedoria infinita , e sempre o que melhor conduz para o nosso bem.

562 Esta aniquilação , ou total deixação de si mesma juntamente com hũa imperturbada paz do coração em todos os acontecimentos sejam prosperos , sejam adversos , que tambem aqui deve conservar a creatura , he a que se chama propriamente *Morte Mystica* , que he morrer para todo o creado , e viver para o seu proprio querer , e sentimentos , como se ja na realidade morresse para tudo , vivendo só para Deos ; e assim como hum morto nada sente , nem já se perturba , ou inquieta , nem se alegra , nem entristece , nem estima as honras , nem as vaidades do mundo , não repara se o tratão com estimação , ou com desprezo , está onde o poem , vai para onde o levão sem repugnancia , não attende a se há desgraças , ou felicidades no mundo ; porque nada já lhe emporta , e para tudo tem já os olhos fechados , como quem já não he deste mundo ; assim a alma se deve aqui suppor morta , ou matar-se mysticamente , como quem já não tem aqui a sua cidade permanente , nem he já do mundo senão do Ceo ,
e

e fechou já os olhos para todos os acontecimentos, que a possão divertir deste cuidado.

563 Esta morte Mystica, e total inadvertencia a todas as cousas creadas, q̄ não sejam ordenadas a Deos, he disposição indispensavelmente necessaria para o matrimonio divino; porque como nelle se ha de fazer a alma divina, he necessario que não tenha nada de humana; isto he, que nenhum cuidado humano, e terreno a domine. Faça-se pois aqui o Director hum caritativo tyranno, que accenda com mais actividade esta fornalha do amor; faça que a alma se confuma, queime, abraze naquelle Sagrado incendio athé sacudir toda a escória, e fezes do amor proprio, que nada tenha de inquieto, e violento ainda no amor para com Deos, senão todo pacifico, e sem estrondo, ou impulsos, que causem fadiga; senão que como o que ferido mortalmente, perdido todo o alento, se reclina nos braços de hum intimo amigo, e nelles morre descansado, assim a alma se recline nos braços do Amado, isto he no seu beneplacito, e vontade, ahi sofra pacifica a gostosa dor daquella amante ferida, e ahi gozosa, e descansada morra a tudo o que não he viver no Amado, e para o Amado.

564 Nem tema o Director que a alma morra á força desta doença mortal; porque esta enfermidade não he de morte, mas para que se manifestem nella as obras de Deos: e se morresse, feliz morte seria esta, pois era acabar como Moyses no osculo do Senhor. Mas no caso que o affecto de amor, por não ser puramente espiritual, seja tão vehemente, que destrua demasiadamente as forças do corpo, procure que de algũa sorte as refaça; mas com sábia, e discreta cautela para que não seja mais, nem menos do que importa. Não consinta que a alma fuja daquelle fogo purgativo, que a anda dispondo, com o pretexto de outros exercicios, ou diversões, pois a natureza opprimida com aquella ardente pena infusa deseja ás vezes aliviar-se do peço, e afflicção, ainda que gostosa; o que de nenhũa sorte convem; pois só por este meio se póde fazer a admiravel obra desta altissima aniquilação, e

purgação, que regularmente não dura muito tempo; porque o Divino Esposo (a nosso modo de explicar) como impaciente de se communicar todo á sua amada no vinculo indissolúvel, não sofre demoras.

565 Este estado he todo de contemplação infusa, para a qual deve o Director dispor a alma pelo modo já mais vezes advertido, não lhe consentindo discursos, nem obras do sentido; senão que em hũa total nudez de potencias vá pela escuridade da fé, e ahi persevere até ser illuminada do Senhor, que não tarda em visitar a alma, que assim se dispoem: mas em quanto, ou quando elle não a levar ao acto da contemplação infusa persevere ella na adquirida, que ha de ser a sua occupação activa: mas nem por isso, como diz aqui S. Theresa, (*Mor. 6. c. 7.*) deve deixar de meditar nos mysterios da nossa Redempção, e vida de Christo, de Maria Santissima, e dos Santos; porque estas memorias, principalmente a de Jesus Christo, tanto não embaraço, que antes ajudam muito ao recolhimento activo, e passivo, e não encontrão a simplicidade da fé, como dissemos, (*n. 251.*) e sempre esta deve ser a porta, e caminho por onde se vá ao Pay, e o arrimo das almas, que não acharem meio de poder meditar, ou contemplar. Mas a ordinaria materia da oração neste estado deve ser a Divindade, e seus mysterios, perfeições, e attributos; e estas mesmas perfeições se devem conhecer em Jesus Christo, quando elle for o objecto da oração, como dissemos. (*n. 228., e 251.*)

566 A presença de Deos deve ser intellectual, e contínua, e que a creatura a procure activamente quando Deos lha não der passiva. As jaculatorias sejam frequentes, e todas dirigidas ao amor de Deos, e a inflamar nelle o coração; expressivas das saudades de o ter, das ancias de o gozar, e dos desejos de se unir com elle em estreito abraço, e doce osculo. A Communhão póde aqui ser quotidiana, ou com a frequencia, que parecer ao Director; mas he bem que prove o espirito da creatura, ou lhe dê o merecimento da obediencia, e desejo negando-lha algúas vezes; e tambem para lhe tirar algúas proprie-

priedade, que vá tendo á consolação, que com ella recebe; principalmente se vir que se entristece, ou obedece com custo.

567 Como aqui he a oração a vida d'alma, e o cuidado quasi contínuo, em que se occupa, não deve o Director prescrever-lhe tempo diminuto; nunca porém tanto, que deixe de attender a outras obras de virtude, devoção, e caridade; principalmente ás da obrigação do proprio estado, ou ministerio, e muito menos ás da obediencia aos Superiores. Em penitencias não lhe seja tambem escasso, porque aqui lhe dá Deos grandes desejos de as fazer, e forças conrespondentes a ellas, e lhe he mortificação a falta de saude por não poder fazer tantas como queria; mas ainda que padeça algúas molestias como não sejam graves, não deixe de lhe dar nisto algúa larga, como, e pelo que em outro lugar fica dito. (n. 427.)

568 Quando o Director vir, que a divina bondade, cujas delicias são estar com os filhos dos homens, se começa a communicar á alma no matrimonio divino, e que ella já entra a gozar dos doces osculos, e castos abraços do Esposo, pouco lhe resta já que fazer na sua direcção, pois já então todo o modo de obrar d'alma he divino, e obra ao modo de Deos, como dizem os Mysticos; porque ainda que he certo que a alma obra de si, he tambem sem duvida que obra mais nella Jesus Christo, em quem já vive mais do que em si, e elle como já unido, e feito húa mesma cousa com ella, rege, e domina misericordiosamente toda a sua moral harmonia, e se constitue seu Mestre, e particular Director, e a faz levantar espiritualmente tanto ao conhecimento divino, que todos os sentidos, potencias, e payxões vivem como cativos da razão, e o espirito tão abstrahido delles, que em nada lhe servem já de embaraço para o estreito commercio, e amigavel trato com Deos. Aqui já não ha caminho natural, e determinado para a alma, como diz S. João da Cruz, (*Symbol. do Monte Carm.*) mas só Jesus Christo he o seu caminho; e guia; por isso não tem tanto que fazer o Director.

569 Mas ainda que he certo que Deos a toma á sua direcção , quer com tudo que esteja fugeita ao Director para o merecimento da obediencia , e tanto que como já dissemos , (n. 424.) se esta he opposta em algũa cousa á divina , cede Deos da sua , e manda fugeitar á humana. Por isso ainda que com a alma , que estiver neste estado , pouco , ou nada reste que fazer ao Director em quanto á direcção interior das potencias , deve com tudo tê-la fugeita , e obediente em quanto ás operações externas , e acções commuas ; mortificá-la na propria vontade ; não condescender sempre com os seus desejos ; prová-la com trabalhos , e actos humildes ; privá-la da Sagrada Comunhão algũas vezes , e obrar com ella tudo o que prudentemente julgar necessario para a conservar em humildade , desprezo , e conhecimento proprio , em negação de si mesma , e pobreza de espirito ; pois em quanto viver vida mortal está fugeita a perigos , e cercada de inimigos tanto mais diligentes , e raivosos , quanto mais a vem separada do seu dominio , e tanto mais humilhada , e abatida a deve trazer o Director quanto mais Deos a traz mais favorecida , e mais altamente occupada.

570 Attenda sempre o Director ás suas obras , e aos seus effeitos , para que ás vezes não seja enganada , e conduzida mais pela propria vontade , ou leveza , do que pelo espirito do Senhor : principalmente se o que intenta se oppoem á prudencia , á virtude , ou ás obrigações do proprio estado , não o acredite ; pois deve regular-se mais pela prudencia , que he a perfeita regra de obrar bem , do que pela informação , ou inspiração da creatura. Conserve-a no santo temor de Deos , e persuada-a a que se não dê por segura ; porque se se fiar em si , e se clevar , ou tiver algũa estimação de si mesma , cahirá tristemente com queda tanto mais ruinosa quanto de mais alto a dá ; lembre-lhe que assim cahirão algũas columnas fortissimas da Igreja , das quaes hũas se tornárão a levantar por misericordia de Deos , outras derão segunda queda no Inferno , e não se levantarão para sempre.

571 Por isso ainda que Deos , e as suas perfeições , e
attri-

attributos são o objecto, que de ordinario lhe traz occupado o entendimento, e a vontade, não deixe de lhe fazer recordar algũa vez os seus peccados, os novissimos, e a sua propria vileza, (o que tambem deve praticar nos mais estados) para que vá seguro o edificio sobre fundamentos solidos, o qual supposto já está edificado athé o alto, cahirá se se arruinar o fundamento, que he a humildade: e he prudencia do Architecto, ainda quando vai concluindo a obra, olhar de quando em quando os alicerces, a ver se ficão seguros; que emportaráo pouco as perfeições dos pórticos, das bases, e dos capiteis se se descuidar do fundamento, e este falte, que perderá o trabalho, e a obra. Aqui deve não ter limite a oração, porque todo o lugar, e todo o tempo he della, nem já fahe outra cousa senão contemplar o summo bem. A presença de Deos he contínua, habitual, e experimental, a qual elle mesmo infunde; e elle tambem inspira, e ensina as jaculatorias ao coração, o qual, anda em continuos colloquios com o Amado respondendo, e attendendo ao que elle lhe falla.

572 A Communhão Sacramental he bem seja quotidiana, excepto quando parecer ao Director para prova, e exercicio do espirito. As espirituas devem ser mui frequentes; e sejam poucos os exercicios externos, porque Deos a chama á occupação interior. Penitencias poucas poderá fazer neste estado; porque aqui ordinariamente tem a saude perdida, e padece dores, e enfermidades gravissimas; o que lhe he grande tormento, não pelo que padece, que isso lhe dá gosto, mas porque lhe embaraça o mais, que queria padecer, em grandes, e rigurosas asperezas, jejuns, e penitencias; por isso diz S. Theresa, (*Mor. 7. c. 2.*) que aqui lhe serve de grande penitencia o não a fazer, porque o faze-la lhe he grande deleite; e que a verdadeira penitencia he quando Deos lhe tira a saude, e forças para a não poder fazer. Por tanto quando as enfermidades derem algum lugar, não tema o Director condescender prudentemente com os desejos da creatura, que Deos dá as forças como as inspirações,

e são aqui as penitencias remedio, que athé curão as dores, e enfermidades do corpo, como já disse. (n. 427.)

CAPITULO XII.

De algũas instrucções de S. João da Cruz mui uteis aos Directores.

573 **C**omo o intento, com que emprehendi esta obra, foi o dar algũa instrucção, e luz aos Directores, que por falta de livros não tivessem a necessaria para hũa ordinaria conducta das almas, julguei conveniente concluir este pequeno volume com algũas passagens, e doutrinas dos grandes Mestres de espirito S. João da Cruz, e S. Thereza a respeito dos Directores, que lhes podem servir de grande instrucção; para que aqui as vejam os que não poderem haver á mão as suas obras; para o que neste capitulo poremos as do S. Doutor por suas mesmas palavras, para lhes não diminuir a authoridade, o espirito, e a unção, com que persuadem; reservando as da S. Madre para o seguinte. S. João da Cruz, (*Llama. Cant. 3. v. 3. §. 4. , e seguintes athé 13. inclusive*) tratando da contemplação infusa, e estado de união, a que Deos chama a creatura, e para que a anda dispondo com divinas unções no estado de aproveitados diz assim.

574 §. IV. ,, Convem grandemente á alma, que quer
 ,, aproveitar, e não tornar atras, ver em cujas mãos se
 ,, poem; porque qual for o Mestre, tal será o discipulo,
 ,, e qual o Pay, tal o filho. E para este caminho,
 ,, ao menos para o mais subido delle, e ainda para o
 ,, mediano apenas se achará hum guia cabal segundo todas
 ,, as partes, que lhe são necessarias; porque deve
 ,, ser sabio, discreto, e experimentado. Pois para guiar
 ,, o espirito, ainda que o fundamento he o saber, e a
 ,, discricao, se não ha experiencia do mais subido, não
 ,, atinarão a encaminhar a alma nelle quando Deos lho
 ,, dá, e poderião fazer-lhe grande damno. Porque não
 ,, entendendo elles os caminhos do espirito, muitas vezes

,, zes fazem perder ás almas a unção destes delicados un-
 ,, guentos , com que o Espirito Santo as vai dispondo
 ,, para si, governando-as elles por outros modos rastei-
 ,, ros, que tem lido, e que não servem senão para prin-
 ,, cipiantes. Que não sabendo elles senão para principian-
 ,, tes, (e ainda isso queira Deos) não querem deixar as
 ,, almas passar (ainda que Deos as queira levar a mais)
 ,, daquelles principios, e modos discursivos, e imagina-
 ,, rios, com que ellas podem fazer mui pouco ganho.
 575 §. V. ,, E para que melhor entendamos, he de
 ,, saber que o estado de principiantes he meditar, e fa-
 ,, zer actos discursivos. Neste estado necessario he á alma
 ,, que se lhe dê materia para que discorra de seu, e fa-
 ,, ça estes actos interiores, e se aproveite do fogo, e fer-
 ,, vor espiritual sensível, porque assim lhe convem para
 ,, habituar os sentidos, e appetites a cousas boas, e cevan-
 ,, do-os com este favor se desarreigão do seculo. Mas quan-
 ,, do isto de algum modo já está feito, logo os come-
 ,, ça Deos a pôr neste estado de contemplação; (*falla da*
 ,, *infusa, e estado de aproveitados*) o que costuma ser mui
 ,, em breve, maiormente em gente Religiosa, porque
 ,, mais brevemente negadas as cousas do seculo accomo-
 ,, dão a Deos o sentido, e o appetite, e logo não ha
 ,, senão passar de meditação a contemplação, o qual he
 ,, já quando cessão os actos discursivos, e meditação da
 ,, propria alma, e os cucos, e fervores primeiros sensi-
 ,, tivos não podendo já discorrer como dantes, nem achar
 ,, nada de arrimo pelo sentido ficando em seccuras: por-
 ,, que lhe mudão o cabedal ao espirito, que não cahe em
 ,, sentido. E por isso neste estado he Deos o agente com
 ,, particularidade, que infunde, e ensina, e a alma a que
 ,, recebe bens mui espirituaes na contemplação, que são
 ,, noticia, e amor divino juntamente (isto he) noticia
 ,, amorosa sem que a alma use dos seus actos, e discurs-
 ,, sos, porque não pôde já entrar nelles como dantes.
 576 §. VI. ,, Donde neste tempo (*o estado de aprovei-*
 ,, *tados*) totalmente se ha de levar a alma por modo con-
 ,, trario ao primeiro. Que se antes lhe davão materia pa-

„ ra meditar, e meditava, agora lha tirem, e que não
 „ medite: porque (como digo) não poderá, ainda que
 „ queira, e se distrahirá. E se antes buscava fervor, e o
 „ achava, já o não queira, nem busque, que não só não
 „ o achará por sua diligencia, mas antes tirará seccuras;
 „ porque se diverte do pacifico, e quieto, que secretamente
 „ lhe estão dando no espirito em lugar da obra,
 „ que ella quer fazer pelo sentido; e assim perdendo hum,
 „ não alcança o outro, pois já os bens se lhe não dão
 „ pelo sentido como dantes. É por isso neste estado (*de*
 „ *aproveitados, e noite passiva do sentido*) de nenhum mo-
 „ do lhe hão de impor que medite, nem se exercite em
 „ actos tirados á força do discurso, nem procure com
 „ apego fervor, nem fabor; porque seria pôr obstaculo
 „ ao principal agente, que he Deos, o qual occulta, e
 „ quietamente anda pondo n'alma sabedoria, e noticia
 „ amorosa sem muita differença, expressão, ou multipli-
 „ cação de actos. Ainda que algúas vezes os faz especi-
 „ ficar n'alma com algúa duração, e então tambem ella
 „ deve andar só com advertencia amorosa a Deos, sem
 „ especificar outros actos mais que aquelles, a que se
 „ sente inclinada por elle, havendo-se como passivamen-
 „ te sem fazer de si diligencia com advertencia amorosa,
 „ simplez, e singela, como quem abre os olhos com ad-
 „ vertencia de amor.

577 „ Pois assim como Deos então trata com a alma
 „ em modo de dar com singela, e amorosa noticia, tam-
 „ bem a alma trate com elle em modo de receber com
 „ noticia, e advertencia singela, e amorosa, para que as-
 „ sim se juntem noticia, com noticia, e amor com amor.
 „ Porque convem aqui que o que recebe se haja ao mo-
 „ do do que recebe, e não de outro, para o poder re-
 „ ceber, e reter como lho dão. Donde está claro que se
 „ então a alma não deixasse o seu modo ordinario de dis-
 „ correr não receberia aquelle bem senão escassa, e im-
 „ perfeitamente, . . . e poria impedimento aos bens, que
 „ lhe está Deos communicando na noticia amorosa. O
 „ que no principio he em exercicio de purgação, (*pas-*
 „ *siva*

„ *sva do sentido*) e depois em mais suavidade de amor ;
 „ (*na illuminação passiva*) á qual será impedimento qual-
 „ quer arrimo de pensamento particular, discurso, ou gos-
 „ to, que a alma então de seu queira ter ; por isso se deve
 „ conservar em sũma paz, tranquillidade, e silencio, escu-
 „ tando, e ouvindo aquella profunda, e delicada audiçãõ
 „ de Deos, que nesta soledade falla ao coração.

578 §. VII. „ Esta maneira de ociosidade, ou esque-
 „ cimento sempre vem com algum asorbimento interior.
 „ Por isso em nenhũa occasiãõ, nem tempo depois que
 „ a alma tiver começado a entrar neste singelo, e ocioso
 „ estado de contemplaçãõ ha de querer trazer diante de
 „ si meditações, nem arrimar-se a gostos, e sabores es-
 „ pirituaes, (como fica dito largamente no capitulo de-
 „ cimo do livro primẽiro da Noite escura, e antes no
 „ capitulo ultimo do segundo livro, e no capitulo pri-
 „ meiro do livro terceiro da subida do Monte Carmel-
 „ lo) senãõ estar desarrimada, e em pé sobre tudo isto,
 „ e o espirito delapegado para que Deos a tire do cati-
 „ veiro, e servidãõ das suas operações, e a leve á ter-
 „ ra da promissãõ, e liberdade de serena paz. Oh Mes-
 „ tre espiritual, olha que a esta liberdade, e ociosidade
 „ santa de filhos chama Deos a alma ao deserto, em que
 „ ande vestida de festa, e com joias de ouro, e prata,
 „ tendo já despojado o Egypto, e tomado suas riquezas :
 „ e não só isso, senãõ tambem afogado seus inimigos no
 „ mar da contemplaçãõ aonde o Egypcio do sentido não
 „ acha pé, nem arrimo ; e deixa livre ao filho de Deos,
 „ que he o espirito sahido dos estreitos limites da ope-
 „ raçãõ do sentido, que he de seu baixo entender, seu
 „ toico sentir, seu pobre gostar, para que Deos lhe dê
 „ o suave maná, cujo sabor ainda que tem todos os sa-
 „ bores, e gostos, em que tu (*Director*) queres trazer
 „ trabalhando a alma, com tudo por ser tão delicado,
 „ que se faz na boca, não se sentirá se quizer sentir ou-
 „ tro gosto em outra cousa, porque não o receberá.

579 „ Procura pois desarreigar a alma de todas as
 „ cobiças de favores, gostos, e meditações, e não a in-

„ quietes com cuidado , ou folicitudão algũa de cousas
 „ de cima , e muito menos das debaixo , pondo-a em to-
 „ da aniquilação , e soledade possível ; porque quanto mais
 „ cedo chegar a esta ociosa tranquillidade , com tanta mais
 „ abundancia se lhe vai infundindo o espirito da divina
 „ sabedoria amoroso , tranquillo , solitario , suave , rou-
 „ bador do espirito. . . . Os bens interiores , que esta ca-
 „ lada contemplação deixa impressos n'alma sem ella o
 „ sentir , são inestimaveis ; porque em fim são unções se-
 „ cretissimas , e delicadas do Espirito Santo em que se-
 „ cretamente enche a alma de riquezas , dons , e graças ;
 „ porque sendo Deos , faz , e obra como Deos.

580 §. VIII. „ Estes bens pois , e estas grandes ri-
 „ quezas ; estas subidas , e delicadas unções , e noticias
 „ do Espirito Santo , que por sua delicadeza , e subtil
 „ pureza nem a alma , nem o que a dirige as entende ,
 „ senão só o que as poem n'alma para se agradar mais
 „ della , com grandissima facilidade se turbão , e empe-
 „ dem ; basta hũa pequena obra , que a alma queira fa-
 „ zer , de applicar o sentido , ou appetite de querer ape-
 „ gar-se a algũa noticia , ou consolação ; o que he gra-
 „ ve damno , e grande dor , e lastima. Ó grave caso , e
 „ muito para admirar ! Que não conhecendo o damno ,
 „ nem parecendo quasi nada o que se interpoz , he en-
 „ tão maior , e de maior dor , e prejuizo do que outro ,
 „ que pareceria muito maior em almas ordinarias , que
 „ não estão naquelle posto de tão subido esmalte , e ma-
 „ tiz : como se o rosto de hũa mui delicada pintura to-
 „ casse outra mão mui tosca com alheas , e baixas cores ,
 „ seria o damno maior , e mais notavel , e de mais lasti-
 „ tima , e dor , que se manchasse outras muitas mais ,
 „ commuas , e ordinarias.

581 „ E com ser este damno tão grande , mais do que
 „ se pôde encarecer , he tão commum , que apenas se
 „ acha hum Mestre espirital , que o não faça nas almas ,
 „ que deste modo começa Deos a recolher em contem-
 „ plação : pois quantas vezes está Deos ungingo hũa al-
 „ ma com algũa unção mui delicada de noticia amorosa ,
 „ se-

„ serena, pacifica, solitaria, e mui alheia do sentido, e
 „ do que se póde perceber pela imaginação, e a tem sem
 „ poder gostar, nem meditar nada de cima, nem de bai-
 „ xo, porque a traz Deos occupada naquella unção so-
 „ litaria inclinada á soledade, e ocio, e virá hum (*Di-*
 „ *rector*) que não sabe senão martelar, e macear como
 „ ferreiro, e porque elle não ensina mais do que isso,
 „ dirá: Andai, deixai-vos disso, que he perder tempo,
 „ e ociosidade; tomai, e meditai, e fazei actos; que he
 „ necessario que façais da vossa parte actos, e diligen-
 „ cias, que o mais são alucinações, e cousas de palma-
 „ dos?

582 „ E assim não entendendo estes (*Directores*) os
 „ grãos de oração, nem vias do espirito, não percebem
 „ que aquelles actos, que elles dizem que faça a alma,
 „ e aquelle caminhar com discurso já está feito; pois já
 „ aquella alma tem chegado á negação sensitiva: e que
 „ quando se tem andado o caminho, e chegado ao termo,
 „ já não ha caminhar; porque seria tornar a apartar-se
 „ do termo. E assim não entendendo que aquella alma está
 „ já na vida do espirito, na qual não ha já discurso,
 „ e o sentido cessa, e he Deos com particularidade o
 „ agente, e o que falla secretamente á alma solitaria, el-
 „ les sobrepoem n'alma outros unguentos de grosseiras no-
 „ ticias, e çucos, em que a occupão, e tirão a soleda-
 „ de, e recolhimento, e por conseguinte a subida obra,
 „ que nella Deos pintava. E assim a alma nem faz hũa
 „ cousa, nem aproveita na outra.

583 §. IX. „ Advirtão estes taes, (*Directores*) e con-
 „ siderem que o Espirito Santo he o principal agente,
 „ e movedor das almas, que nunca perde o cuidado del-
 „ las para que melhor aproveitem, e elles não são os
 „ agentes, senão sómente instrumentos para encaminhar
 „ as almas pela regra da fé, e lei de Deos segundo o es-
 „ piritito, que Deos vai dando a cada hũa. Assim seu cui-
 „ dado seja não o accomodar a alma ao seu modo, e
 „ condição propria delles; mas attendendo (se sabem)
 „ por onde Deos as leva; e senão o sabem, deixem-nas,

„ e.

„ e não as perturbem; e conforme a isto procurem en-
 „ caminhar as almas a maior soledade, e liberdade, e
 „ tranquillidade, dando-lhes larga para que não átem o
 „ espirito a nada, quando Deos as leva por aqui.

584 „ E não se acanhem, nem fiquem duvidosos jul-
 „ gando que nada se faz; que como a alma esteja defa-
 „ pegada de toda a noticia propria, e de todo o appe-
 „ tite, e affectos da parte sensitiva, negada a toda
 „ a consolação sensível, fazendo ella da sua parte, e aju-
 „ dando-a elles a isto; he impossivel segundo o modo de
 „ proceder da bondade, e misericordia divina, que não
 „ faça Deos o que he da sua; e mais impossivel do que
 „ he o deixar de dar o raio do Sol, no lugar sereno,
 „ e descuberto: pois assim como o Sol está prompto pa-
 „ ra entrar em tua casa se lhe abrires a porta, assim
 „ Deos entrará n'alma vazia, e a encherá de bens. Deos
 „ está como o Sol sobre as almas para entrar; conten-
 „ tem-se logo (*os Mestres do espirito*) com as dispor se-
 „ gundo as leis da perfeição Evangelica, que consiste na
 „ desnudez, e vazio do sentido, e espirito, e não quei-
 „ rão passar adiante a edificar, que esse officio só he do
 „ Senhor, de quem nos desce todo o dom optimo.

585 „ Pois se o Senhor não edificar a casa, em vão
 „ trabalha quem a edifica. Edificará em cada alma como
 „ elle quizer edificio sobrenatural; dispoem tu esse natu-
 „ ral, aniquilando as suas operações, que esse he o teu
 „ officio; e o de Deos (como diz o sabio) dirigi-lo
 „ aos bens sobrenaturaes por modo, e maneiras, que
 „ nem tu, nem a alma sabeis. E assim não digas: Ó não
 „ vai a diante! Ó que não faz nada! Porque se a alma en-
 „ tão não gosta de outras intelligencias mais do que dan-
 „ tes, a diante vai caminhando ao sobrenatural. Ó que
 „ não entende nada distinctamente! Antes se então en-
 „ tendesse distinctamente não iria a diante; porque Deos
 „ he incomprehensivel, e excede o entendimento. E assim
 „ quanto mais for, mais se ha de ir apartando de si ca-
 „ minhando em fé, crendo, e não vendo; e assim mais
 „ se chega a Deos não entendendo do que entendendo

„ no

no sentido dito. Assim não tenhas pena que o entendimento não entenda; que antes para bem ser lhe convem isto, que tu (*Director*) lhe condemnas, que não se embarace com intelligencias distinctas, mas que caminhe em perfeita fé.

586 §. X. ,, Ó (dirás) que se o entendimento não entende, ao menos a vontade estará ociosa, e não amará, porque não se póde amar senão o que se entende! Verdade he isto, maiormente nas operações, e actos naturaes d'alma: porém no rato da contemplação, de que aqui fallamos, em que Deos a infunde n'alma, não he necessario que haja noticia distincta, nem que a alma faça muitos discursos, porque então lhe está Deos communicando noticia amorosa, que causa amor em geral, e indistincto na vontade, como he a noticia no entendimento, e assim he que deve ser o amor conforme a intelligencia. E são tanto melhores os actos, que se fazem seguindo esta contemplação infusa, e tanto mais meritorios, e saborosos, quanto he melhor o principio, que move este amor, o qual o apéga á alma; porque a vontade está junto de Deos desapegada de outros gostos..... Por isso ainda que a vontade não goste de Deos mui particular, nem distinctamente, nem o ame com tão distincto acto, gosta-o naquella infusão geral, escura, e secretamente mais do que se se governára por noticias distinctas.

587 §. XI. ,, Tambem não ha que temer, que a memoria vá vazia de suas formas, e figuras; antes assim vai mais segura chegando-se a Deos, que tambem não tem fórma, nem figura. Não entendendo pois estes (*Mestres do espirito*) as almas, que vão já nesta contemplação quieta, e solitaria, por não haverem elles passado (nem talvez ainda chegado) de hum modo ordinario de discursos, e actos, julgando que ellas assim estão ociosas, (porquê o homem animal, isto he que não passa do sentido, não percebe as couças, que são de Deos, como diz S. Paulo) lhes turbão a paz da contemplação sossegada, e quieta, que lhes dava Deos,

„ e as fazem meditar , e discorrer , e fazer actos não sem
 „ grande contradicção , e repugnancia , e seccura , e distrac-
 „ ção das mesmas almas , que querião estar em seu quie-
 „ to , e pacifico recolhimento ; e persuadem-lhes que pro-
 „ cürem gostos , e favores , quando lhes havião de acon-
 „ selhar o contrario.

588 „ O que não podendo ellas fazer , nem entrar
 „ nisso como dantes , porque já passou esse tempo , e não
 „ he esse o seu caminho , desafosselegão-se dobrado , jul-
 „ gando que vão perdidas , e ainda elles lho ajudão a
 „ crer , e seccão-lhes o espirito , e lhes tirão as unções
 „ preciosas , que na soledade , e tranquillidade Deos lhes
 „ punha , (o que , como disse ; he grande damno) e lhes
 „ poem as de barro , e lodo ; pois em hum perdem , e
 „ em outro penão sem proveito. Não sabem estes que
 „ cousa he espirito , e fazem a Deos grande desacato , e
 „ injuria metendo sua tosca mão aonde Deos obra. Por-
 „ que tem custado muito a Deos chegar estas almas athé-
 „ qui , e estima muito tê-las chegado a esta soledade , e
 „ vazio de potencias , e operações para lhes poder fal-
 „ lar ao coração , que he o que elle sempre deseja.

589 „ Porém estes espirituales (*Padres*) não querem
 „ que a alma repouse , nem soslegue , senão que sempre
 „ trabalhe , e obre de maneira , que não dê lugar a que
 „ Deos obre ; e que o que elle vai obrando se desfaga ,
 „ e risque com a operação d'alma , não lançando fóra as
 „ raposas pequeninas , que destroem esta florída vinha. E
 „ ainda que estes algúas vezes errarão com bom zelo ,
 „ porque não chega a mais a sua sciencia ; nem por isso
 „ ficão escusados nos conselhos , q̄ temerariamente dão , sem
 „ entender primeiro o caminho , e o espirito , que leva
 „ a alma ; e se o não entendem intrometer sua tosca mão
 „ em cousa , que não sabem , não a deixando para quem
 „ melhor a entenda. Que não he cousa de pequeno pe-
 „ so , e culpa fazer a húa alma perder inestimaveis bens
 „ por conselhos fóra de caminho , e faze-la andar sem-
 „ pre rasteira. E assim o que temerariamente erra , estan-
 „ do obrigado a acertar , (como está cada hum no seu
 „ offi-

„ officio) não passará sem castigo segundo o damno, que
 „ fizer. Pois os negocios de Deos se hão de tratar com
 „ muito cuidado, principalmente em cousa tão delicada,
 „ e subida, donde se aventura quasi infinita ganancia em
 „ acertar, e quasi infinito damno em errar.

590 §. XII. „ Porém se lhe quizerem dar algũa escusa;
 „ aindaque eu lha não vejo, ao menos não a poderá ter
 „ o (*Director*) que tratando de hũa alma, a não deixa
 „ já mais sahir do seu poder pelos respeitos, e interesses
 „ vãos, que elle sabe, e não ficaráõ sem castigo. Pois he
 „ certo que para ir aquella alma adiante aproveitando no
 „ caminho espiritual, deve mudar de estilo, e modo de
 „ oração, e necessita de outro espirito, e doutrina mais
 „ alta que a sua; porque nem todos sabem para todos
 „ os successos, e casos, que ha no caminho espiritual, nem
 „ tem espirito tão cabal, que conheção como em qual-
 „ quer estado da vida do espirito ha de ser a alma le-
 „ vada, e dirigida: ao menos não ha de julgar elle que
 „ tem tudo, nem que Deos deixará de querer levar aquel-
 „ la alma mais adiante. Assim como nem todos os que
 „ sabem desbastar o madeiro, sabem entalhar a imagem;
 „ nem todo o que a sabe entalhar, a sabe perfilar, e pu-
 „ lir; nem o que a sabe pulir, a saberá pintar; nem o
 „ que a sabe pintar saberá por-lhe a ultima mão, e per-
 „ feição; porque cada hum destes não póde fazer na ima-
 „ gem mais do que sabe, e se quize-se passar adiante,
 „ seria deitá-la a perder.

591 „ Vejamos pois tambem se tu (*Mestre espiritual*)
 „ sendo só desbastador, que só sabes pôr a alma no des-
 „ prêzo do mundo, e mortificação de seus appetites, ou
 „ sendo, quando muito, entalhador para a pôr em fantas-
 „ meditações, e não sabes mais; como chegarás essa alma
 „ athé a ultima perfeição de delicada pintura, que já não
 „ consiste em desbastar, nem em entalhar, nem ainda em
 „ perfilar, senão na obra, que Deos hade ir nella fazen-
 „ do? E assim está certo, que se na tua doutrina, que
 „ sempre he de hum modo, a fazes estar sempre atada,
 „ ou ha de tornar a tras, ou ao menos não irá a diante.

„ Pois diz-me em que parará a imagem senão has de
 „ fazer nella mais que martelar, e desbastar, o que n'al-
 „ ma he o exercicio das potencias? Quando se ha de
 „ acabar esta imagem? Quando, ou como se ha de dei-
 „ xar para que Deos a pinte? He possivel que tu tenhas
 „ todos estes officios? Que te tenhas por tão con-
 „ fumado, que nunca essa alma necessite de outro senão
 „ de ti? E dado que tenhas sufficiencia para algũa alma,
 „ porque talvez não terá talento para passar mais a di-
 „ ante; he como impossivel que a tenhas para todas as
 „ que não deixas fahir de tuas mãos; porque a cada
 „ hũa leva Deos por differentes caminhos; de sorte que
 „ apenas se achará hum espirito, que convenha com ou-
 „ tro em ametade do modo, que leva.

592 „ Quem logo haverá como S. Paulo, que se possa
 „ fazer todo para todos, para ganhar todos para Christo?
 „ e tu de tal sorte tyrannizas as almas, e lhes tiras a li-
 „ berdade, e adjudicas para ti o espacoso, e livre da
 „ doutrina Evangelica, que não só procuras que te não
 „ deixem, mas, o que he peor, que se acaso algũa vez
 „ sabes que algũa foi a outro pedir algum conselho, ou
 „ tratar algũa cousa, que não seria conveniente tratar
 „ contigo, ou a levaria Deos lá para que lhe ensinasse
 „ o que tu lhe não ensinas; te portas com ella (que não
 „ o digo sem vergonha) como as contendias de zelos,
 „ que ha entre os casados, os quaes não são zelos, que
 „ tens da honra de Deos, senão zelos da tua soberba, e
 „ presumpção.

563 „ Pois como podes tu saber que aquella alma
 „ não teve necessidade de ir a outro? Indigna-se Deos
 „ grandemente contra estes, e lhes promete castigo pelo
 „ Profeta Ezechiel dizendo: *Não apascentavas o meu re-
 „ banho; mas só vos cobriais com a sua lam, e comias o
 „ seu leite: eu procurarei o meu rebanho da vossa mão.*
 „ Devem pois estes taes dar liberdade a estas almas, e
 „ estão obrigados a deixa-las ir a outros, e mostrar-
 „ lhes para isso bom rosto, que não sabem elles por on-
 „ de Deos quer aproveitar aquella alma, principalmente
 „ quan-

„ quando já não gosta da sua doutrina , que he final que
 „ a leva Deos adiante por outro caminho , e que necessi-
 „ ta de outro Mestre ; e elles mesmos lho hão de aconfe-
 „ lhar , que o contrario nasce de nesceia soberba , e pre-
 „ sumpção.

594 §. XIII. „ Porém deixemos agora este modo de
 „ se portar , e digamos outro pestifero , que estes (*Di-*
 „ *rectores*) , ou outros peiores do que elles usão. Succe-
 „ derá que ande Deos ungingo algũas almas com santos
 „ desejos , e motivos de deixar o mundo , e mudar de
 „ vida , e estado , servindo a Deos , e desprezando o se-
 „ culo , (que estima Deos muito tê-las chegado athé ali ,
 „ porque as cousas do seculo não são do coração de
 „ Deos) e elles com hũas razões humanas , ou respei-
 „ tos affaz contrarios á Doutrina de Jesus Christo , e sua
 „ mortificação , e desprêzo de todas as cousas , estriban-
 „ do-se elles em seu interesse , ou gosto , ou por temer
 „ aonde não havia que temer , lho dilatão , ou difficul-
 „ tão , ou (o que he peor) fazem diligencia por tirar-
 „ lho do coração ; porque tendo elles máo espirito , pou-
 „ co devoto , e muito vestido do mundo , e pouco man-
 „ fo em Christo ; como elles não entrão , tambem não
 „ deixão entrar os outros , como diz o nosso Salvador :
 „ Ay, de vós que tomastes a chave da sciencia , e não en-
 „ trais , e nem deixais entrar aos outros !

595 „ Porque estes na verdade estão postos como tro-
 „ pêço , e tranca á porta do Ceo ; não advertindo que os
 „ tem Deos ali para que compellão a entrar aos que
 „ Deos chama , como lho tem mandado em seu Evange-
 „ lho ; e elles pelo contrario estão compellindo a que
 „ não entrem pela porta estreita , que guia á vida : e def-
 „ ta sorte he o Mestre espiritual hum cego , que póde
 „ estorvar n'alma a guia do Espirito S. O que succede de
 „ muitas maneiras , como fica dito , huns sabendo , e ou-
 „ tros não sabendo ; mas huns , e outros não ficarão sem
 „ castigo : pois tendo-o por officio , estão obrigados a
 „ saber , e attender o que fazem.

CAPITULO XIII.

De varias doutrinas de S. Theresa de grande instrucção para os Directores.

596 **N**ÃO são menos recomendaveis as instrucções, que a grande Mestra do espirito S. Theresa dá aos Directores em varios lugares das suas admiraveis Obras, dos quaes aqui copiarei os mais notaveis para quem as não tiver. No Capitulo quarto de sua vida dá a conhecer quanto importa ter Director, e que seja douto, e experimentado, que perceba as materias do espirito, e diz assim: „ Não achei Mestre, digo Confessor, q
„ me entendesse, ainda que o busquei em vinte annos, o
„ que me fez grande damno, para tornar muitas vezes a
„ tras; e ainda para perder-me de todo; porque se o
„ achasse me ajudaria a sahir das occasiões, que tive pa-
„ ra offender a Deos.

597. No Capitulo quinto declara mais quanto importa que o Director seja sabio, e quanto damno póde fazer não o sendo, e diz: „ Grande damno fizeram á minh'al-
„ ma confessores meio letrados; porque não os tinha de
„ tão boas letras, como desejava. Tenho visto por expe-
„ riencia que he melhor, sendo virtuosos, e de santos
„ costumes, não ter nenhúas, do que ter poucas; por-
„ que nem elles se fião em si, sem perguntar a quem as
„ tenha boas, nem eu me fiára: e bom letrado nunca
„ me enganou. Os outros tambem me não querião en-
„ ganar, mas não sabião mais. Eu julgava que sabião,
„ e que não era mais obrigada do que a cré-los, como
„ era coufa de mais larga, e liberdade o que me dizião,
„ que se fora apertada, eu sou tão roim, que buscaria
„ outros. O que era peccado venial, dizião que não era
„ nenhum, e o que era gravissimo mortal, dizião que
„ era venial. Isto me fez tanto damno, que não he mui-
„ to o diga aqui para aviso de outras pessoas de tão gran-
„ de mal. Creio permittio Deos por meus peccados que
„ elles

„ elles se enganassem , e me enganassem amim : e eu en-
 „ ganei a outras muitas com lhes dizer o mesmo , que
 „ elles me dizião. Julgo que durei nesta cegueira mais de
 „ dezassete annos.

598 No Capitulo treze declara o mesmo mais por ex-
 „ tenso dizendo : „ He necessario aviso ao que começa pa-
 „ ra ver no que aproveita mais : para isto he mui neces-
 „ sario Mestre ; se he experimentado , que se o não he ,
 „ muito póde errar , e trazer hũ'alma sem a entender , nem
 „ a deixar entender a si mesma : porque como sabe que
 „ he grande merecimento estar fugeita a Mestre , não ou-
 „ sa sahir do que se lhe manda. Eu tenho achado almas
 „ acurraladas , e affligidas por não ter experiencia , que
 „ me fazião lástima ; e algũa , que não sabia já que fa-
 „ zer de si ; porque não entendendo (*os Mestres*) o ef-
 „ piritito affligem a alma , e corpo , e impedem o apro-
 „ veitamento. Hũa tratou comigo , que a tinha o Mestre
 „ atada havia oito annos , a que não a deixava sahir do
 „ proprio conhecimento ; e o Senhor já a tinha em ora-
 „ ção de quiete , e assim passava muito trabalho.

599 „ E ainda que isto de conhecimento proprio nun-
 „ ca se ha de deixar , nem ha alma neste caminho tão
 „ gigante , que não necessite muitas vezes tornar a ser
 „ menino , e a mamar ; e nunca se esqueça isto , porque
 „ importa muito ; pois não ha estado de oração tão su-
 „ bido , que muitas vezes não seja necessario tornar ao
 „ principio ; e isto dos peccados , e conhecimento pro-
 „ prio he pão , com que todos os manjares se hão de co-
 „ mer , por delicados que sejam neste caminho de oração ,
 „ e sem este pão não se poderião sustentar : mas ha se
 „ de comer com taixa , que depois que hũa alma se vê
 „ já rendida , e conhece claramente que não tem cousa
 „ boa de si , e se vê envergonhada diante de tão grande
 „ Rey , e vê o pouco , que lhe paga para o muito , que
 „ lhe deve , que necessidade ha de gastar já tempo aqui ,
 „ senão ir-nos a outras cousas , que o Senhor poem di-
 „ ante , e não he razão que as deixemos , que Sua Ma-
 „ gestade sabe melhor do que nós o que nos convem
 „ comer ?

600 „ Assim importa muito ser o Mestre avisado ;
 „ (digo de bom entendimento) e que tenha experiencia ;
 „ e se com isto tem letras , he de grandissimo negocio ,
 „ mas se não se podem achar estas tres cousas juntas :
 „ as duas primeiras importão mais ; porque letrados po-
 „ dem procurá-los para os cõunicar quando tiverem ne-
 „ cessidade. Não digo que não tratem com letrados , mas
 „ digo que aos principios , se elles não tem oração , apro-
 „ veitão pouco as letras ; mas estas são grande cousa ,
 „ porque nos ensinão aos que pouco sabemos , e nos dão
 „ luz Quero-me declarar mais. Começa húa Reli-
 „ giosa a ter oração ; se hum simplez a governa , e se lhe
 „ antoja assim , lhe fará entender que he melhor que lhe
 „ obedeça a elle , do que ao seu superior. E se he mulher
 „ casada , dirhe-á , que he melhor quando deve cuidar
 „ em sua casa , estar em oração , aindaque descontente seu
 „ marido : assim não sabe ordenar o tempo , nem as cou-
 „ sas , para que vão conforme a verdade ; e por faltar-lhe
 „ a elle luz , não a dá aos outros , ainda que queira. E
 „ ainda que para isto parece que não são necessarias le-
 „ tras , a minha opinião sempre foi , e será que qualquer
 „ Christão procure tratar com quem as tenha boas , se
 „ póde , e quantas mais , melhor : e os que vão por cami-
 „ nho de oração tem disto maior necessidade , e tanta
 „ mais quanto mais espirituaes forem.

901 „ E não se enganem com dizer que letrados sem
 „ oração não são para quem a tem : eu tenho tratado
 „ bastantes , e sempre fui amiga delles ; que ainda que
 „ alguns não tem experiencia , não aborrecem o espirito ,
 „ nem o ignorão ; porque na sagrada Escripura , que tra-
 „ tãõ , sempre achão a verdade do bom espirito. Tenho
 „ para mim que pessoa de oração , que trate com letra-
 „ dos , se ella se não quer enganar . não a enganará o de-
 „ monio com illusões ; porque creio que teme muito as
 „ letras humildes , e virtuosas , e sabe que será descuberto ,
 „ e sahirá com perda. Digo isto , porque ha opiniões
 „ de que não são letrados para gente de oração , senão
 „ tem espirito : já disse que he necessario espiritual Mes-
 „ tre ;

„ tré ; mas se este não he letrado , grande inconveniente
 „ he. E será muita ajuda tratar com elles , como se são
 „ virtuosos ; pois ainda que não tenham espirito , (*Quer*
 „ *dizer ainda que não sigão a vida espiritual*) nos apro-
 „ veitarão , e Deos lhes dará a entender o que hão de
 „ ensinar , e ainda os fará espirituaes , para que nos apro-
 „ veitem ; isto não o digo sem o ter experimentado , e
 „ me succedeu com mais de dous.

602 „ Digo pois que para render-se hū'alma de todo
 „ a estar fugeita só a hum Mestre , que erra muito em
 „ não procurar que seja douto , virtuoso , e experimenta-
 „ do , e se tem liberdade de escolher , antes esteja sem
 „ nenhum até o achar , que o Senhor lho dará , como vá
 „ com fundamento de humildade , e com desejo de acer-
 „ tar , do que fugeitar-se ao que assim não seja. Louve-
 „ mos muito a Deos porque haja quem com tanto traba-
 „ lho tenha conseguido a verdade , que os ignorantes
 „ ignoramos. Espanta-me muitas vezes ver o trabalho
 „ que elles tem tido para ganhar , o que sem nenhum
 „ mais que perguntar-lho póde aproveitar-me amim
 „ e poderá ser , que julgemos alguns dos que estamos li-
 „ vres desses trabalhos , e nos dão o comer guifado , (co-
 „ mo dizem) e vivendo á nossa vontade , que por ter
 „ hum pouco de mais oração nos havemos de avantajár a
 „ tantos trabalhos. Bendito sejas vós Senhor , que tão
 „ inhabil , e sem proveito me fizestes : mas louvo-vos
 „ muito , porque despertais a tantos , que nos despertem?
 „ Esta oração havia ser mais continua pelos que nos
 „ dão luz. Que seriamos sem elles entre tantas tempesta-
 „ des como agora tem a Igreja? E se alguns tem havido
 „ máos , mais resplandecerão os bons.

603 No Capitulo vinte e tres fallando da prudencia ,
 e modo , com que se deve portar o Director para tirar
 dos peccados , e occasiões as almas fracas em quanto não
 tem forças maiores , não querendo que logo se são perfei-
 tas de repente , nem emendem tudo de hūa vez , e mui-
 to mais sendo mulheres para não as desanimar , princi-
 palmente quando tiverem oração , que temão ser perigo-
 la ,

fa, diz assim: „ Procurei que viesse a fallar-me este cle-
 „ rigo, que digo, com quem pensei confessar-me, e tê-
 „ lo por Mestre. Dei-lhe parte de minh'alma, e oração.
 „ Começou com determinação santa a levar-me como a
 „ forte (que de razão eu assim devia estar segundo a ora-
 „ ção que elle vio eu tinha) para que em nenhũa manei-
 „ ra offendesse a Deos. Eu como vi sua determinação tan-
 „ to de repente em cousinhas, que como digo, eu não
 „ tinha fortaleza para sahir logo com tanta perfeição af-
 „ fligi-me, como vi que tomava as cousas de minh'alma
 „ como cousa que de hũa vez havia de acabar com ella,
 „ e eu via que era necessario muito mais cuidado.

604 „ Em fim entendi que não erão os meios, por
 „ onde elle me levava, por onde eu me havia de reme-
 „ diar; porque erão para a alma mais perfeita; e eu ain-
 „ da que nas merces de Deos estava adiantada, estava
 „ mui nos principios nas virtudes, e mortificação. E
 „ certamente se eu não houvesse de tratar com outro al-
 „ gum creio que nunca minh'alma medraria; porque da
 „ afflicção que me dava, de ver que não fazia, nem me
 „ parece podia fazer o que elle me dizia, bastava para
 „ perder a esperança, e deixar tudo. Algũas vezes me
 „ maravilho que sendo elle pessoa, que tem graça par-
 „ ticular de começar a chegar as almas a Deos, como
 „ não foi o Senhor servido que elle entendesse a minha?
 „ e vejo que foi tudo para maior bem meu.

605 „ Concertei-me com hum cavalheiro Santo, pa-
 „ ra que algũa vez me viesse a ver. Começou-me a vi-
 „ sitar, e a animar-me, e a dizer-me que não cuidasse
 „ que em hum dia me havia de apartar de tudo; que
 „ pouco a pouco o faria Deos; que em cousas bem le-
 „ vianas havia elle estado alguns annos, que não as ti-
 „ nha podido acabar comsigo.... Já com discrição pou-
 „ co a pouco dando meios para vencer ao demonio....
 „ Como elle foi entendendo minhas imperfeições tão
 „ grandes, e como lhe disse as merces, que Deos me
 „ fazia; para que me desse luz, me disse que não dizia
 „ hũa cousa com outra; que aquelles regalos erão de pes-
 „ soas,

soas, que estavam já mui aproveitadas, e mortificadas;
 que não podia deixar de temer muito; porque lhe parecia máo espirito em algúas cousas, ainda que não se determinava, mas que considerasse bem tudo o que entendia de minha oração, e lho dissesse.

606 „ Como me disse isto junto com o medo, que eu trazia, foi grande a minha afflicção, e lagrimas. Achei em hum livro todos os sinaes que eu tinha naquelle não poder discorrer nada, (que isto era o que eu mais dizia, que não podia pensar nada quando tinha aquella oração) finalei o que dizia, e dei-lho para que elle, e o outro Clerigo, que tenho dito, santo, e servo de Deos, o vissem, e me dissessem o que havia de fazer, e que se lhes parecesse deixaria a oração de todo, pois paraque me havia eu de meter nelles perigos; pois ao cabo de vinte annos quasi que havia que eu a tinha, não havia sido com ganancia, senão com enganos do demonio; que melhor era não a ter. Aindaque tambem se me fazia arduo, porque já eu tinha provado qual estava a minh'alma sem oração; assim que tudo via trabalhoso, como o que está metido em hum rio, que a qualquer parte que vá d'elle, teme maior perigo, e elle se está quasi affogando. He hum trabalho mui grande este, e destes tenho passado muitos.

607 „ E he necessario cuidado, (no Director) principalmente com mulheres; porque he muita nossa fraqueza, e poderia causar muito mal dizendo-lhes mui claro que he demonio; mas ponderá-lo bem, e apartá-las dos perigos, que póde haver, e avisá-las que tenham muito segredo, e o tenham elles tambem, que convem muito. Fallo nisto como a quem tem custado bem trabalho não o terem tido algúas pessoas, com quem tenho tratado a minha oração. Creio que sem culpa sua o permittio Deos para que eu padecesse. Não digo que dizião o que tratava com elles em confissão, mas como erão pessoas, a quem eu dava conta por meus temores, para que me dessem luz, parecia-me que

„ havião de guardar segredo. Digo pois que se avifem
 „ com muita discrição animando-as, e esperando tempo,
 „ que o Senhor as ajudará, como fez amim; que senão
 „ grande damno me fizera, segundo o que era temerosa,
 „ e pusilanime.

608 „ Dado pois o livro, e feita a relação de minha
 „ vida, e peccados o melhor que pude, os dous servos
 „ de Deos considerárão com grande caridade, e amor o
 „ que me convinha, vindo a resposta, que eu esperava
 „ com bem temor, com bastante fadiga veio amim, (*o*
 „ *cavalheiro*) e me disse, que a todo o parecer de ambos
 „ era do demonio o que eu sentia na oração; que o que
 „ me convinha era tratar com hum Padre, que me disle-
 „ rão, e que não sahisse do que elle me dissesse em tudo,
 „ porque estava em muito perigo, se não havia quem me
 „ governasse. Amim me deu tanto temor, e pena, que
 „ não sabia que fizesse, e tudo era chorar.

609 „ Mas tratando com aquelle servo de Deos, que
 „ o era muito, e bem informado elle da minh'alma, co-
 „ mo quem bem sabia esta linguagem, me declarou o que
 „ era, e me animou muito. Disse que era Espirito de
 „ Deos mui conhecidamente, e que só era necessario tor-
 „ nar de novo á oração, porque não hia bem fundada,
 „ nem havia começado a entender a mortificação, e era
 „ assim, porque nem o nome della me parece entendia;
 „ que em nenhũa maneira deixasse a oração, senão que
 „ me esforçasse muito, pois Deos me fazia tão particu-
 „ lare merces, em tudo me parecia fallava nelle o
 „ Espirito Santo para curar a minh'alma, segundo se im-
 „ primia nella. Fez-me grande confusão, e levou-me por
 „ meios, que parecia de todo me tornava outra. Que
 „ grande cousa he entender hū'alma! Disse-me que tivef-
 „ se oração cada dia em hum passo da paixão., e q̃
 „ áquelles recolhimentos, e gostos resistisse quanto po-
 „ desse, desorte que não lhe desse lugar, athé que elle
 „ me dissesse outra cousa. Deixou-me consolada, e esfor-
 „ çada, e o Senhor me ajudou, e a elle para que enten-
 „ desse minha condição, e como me havia de governar.

610 No Capitulo vinte e quatro prosegue a mesma materia do quanto aproveita á alma o bom modo, e prudencia do Director, e outras boas doutrinas dizendo: „ Assim comecei a fazer mudança em muitas cousas, ainda que o confessor não me apertava, antes parecia que fazia pouco caso de tudo; e isto me movia mais, porque me levava por modo de amor a Deos, e como que deixava liberdade, e não premio, se eu o não procurasse pelo amor. Estive assim quasi dous mezes fazendo todo o possivel por resistir aos regalos, e merces de Deos, e de lhe resistir ganhei ensinar-me Sua Magestade; porque antes me parecia que para dar-me regalos na oração, era necessario muito recolhimento, e quasi não ousava bullir-me: depois vi o pouco, que isto fazia ao caso; porque quando mais procurava divertir-me, mais me cobria o Senhor daquella suavidade, que me parecia toda me rodeava, e q̄ por nenhũa parte podia fugir, e assim era, e muito mais se sinalou o Senhor em me favorecer nestes dous mezes para que eu melhor entendesse, que não estava mais na minha mão.

611 „ Começou-se a alentar a oração como edificio, que levava fundamento, e afeiçoar-me a mais penitencia, da qual eu estava descuidada, por serem tão grandes as minhas enfermidades; e aquelle varão santo me disse, que algũas cousas não me podião fazer mal; que talvez me daria Deos tanto mal porque eu não fazia penitencia, e ma quereria elle dar por este modo. Mandava-me fazer algũas mortificações não mui faborosas para mim. Tudo fazia, porque me parecia mo mandava o Senhor. . . . A este tempo veio a este lugar o Padre Francisco (*de Borja*) e depois que me ouviu me disse, que era espirito de Deos, e que lhe parecia não era bem resistir-lhe mais; que athé então estava bem feito; mas que era erro resistir já mais, que sem o eu procurar me deixasse ir, para onde Deos me levasse.

612 No Capitulo vinte e cinco da mesma sua vida falando a respeito dos Directores demasiadamente timoratos,